

A

MARINHA DE GUERRA DO BRASIL

NA

LUCTA DA INDEPENDENCIA

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA—



RIO DE JANEIRO

TYP. DE J. D. DE OLIVEIRA, RUA DO OUVIDOR N. 141.

—
1880

V
359.00981
M338
MDG
1880

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob número 107-F
de ano de 1974

Ao distinto e illustrado Sr. Conde
vel. Francisco Antonio de Lima
Bueno - em signal de sym-
thia e apreço

off.

O. L. Almeida

José C. Garay Pachá.

Rio de Janeiro - 10 de Janeiro de 1881.

OBRAS CONSULTADAS

Annaes da Biblioteca Publica do Rio de Janeiro.

—Luiz Antonio Vieira da Silva — *Historia da independencia da provincia do Maranhão.*

Accioli de Cerqueira e Silva — *Memorias politicas da Bahia.*

Cochrane — *Narrativa de serviços ao libertar-se o Brasil da dominação portuguesa.*

Collecção da correspondencia official das provincias do Brasil durante a legislatura das Côrtes Constituintes. Lisbôa, 1822.

Mello Moraes — *A independencia e o Imperio do Brasil.*

Luiz A da Veiga — *O primeiro reinado estudado à luz de sciencia.*

Domingos A. Raiol — *Motins politicos do Pará.*

Machado de Oliveira — Juizo sobre as obras intituladas— *Corographia paraense* de Accioli de Cerqueira e *Ensaio Corographico sobre a provincia do Pará* de Ladislau Monteiro Baena

Conselheiro Pereira da Silva — *Historia da fundação do Imperio do Brasil.*

A. D. de P — *Asuntes para la historia de la Republica Oriental del Uruguay.*

Lisbôa — *Historia dos principaes successos politicos do Imperio do Brasil.*

Celestino Soares—*Quadros Navaes.*

Revista Maritima Brasileira.

Revista do Instituto Historico.

Documentos para la vida publica del libertador de Colombia Peru y Bolivia.

Diario do Governo, e outras.

CORRECCÕES



PÁGS.	LINHS.	EM VEZ DE	LEIA-SE
5	3	9 de Janeiro	9 de Fevereiro
9	5	comettia,	commettia.
20	9	scuna eestacionada	escuna estacionada
27	2	indepedencia	independencia
27	11	Santa Catharinas	Santa Catharina
31	30	presteza de momentos	presteza de movimentos
65	25	percursoras	precursoras

e outros de menor importancia.

A'

ARMADA BRASILEIRA

E

áquelles que por ella se interessão.

A

MARINHA DE GUERRA DO BRASIL

NA

Lucta da Independencia

—APONTAMENTOS PARA A HISTORIA—



I

A revolução de Portugal em 1820 obrigára a maioria do Conselho de Ministros de D. João VI a opinar pelo prompto regresso desse monarcha á Europa, como o unico meio de suffocar o movimento, e embora Silvestre Pinheiro Ferreira se esforçasse em demonstrar que essa medida traria a dissolução da monarchia lusitana, embarcára El-Rey a 24 de Abril de 1821 e a 26 deixava a terra que lhe tinha sido abrigo, quando expulso da Europa pelas forças de Junot e pela politica ingleza.

Vacillára o infeliz monarcha, durante algum tempo, em obedecer aos conselhos de toda a sua côrte, chegára a resolver por decreto de 18 de Fevereiro enviar em seu lugar

o Príncipe D. Pedro, tantos, porém, forão os temores que lhe souberão inculcar, já seus proprios ministros, já o diplomata inglez Thorton, residente no Rio de Janeiro, que, vencendo a si mesmo, com o coração repleto de saudades, decidio-se a abandonar o torrão hospitaleiro onde treze annos habitara e que tinha sido o alvo de seus mais paternaes desvelos.

Ficara governando o Brasil, como Regente e Lugar-Tenente de seu pai, o Príncipe D. Pedro e como Ministros o conde de Arcos, na pasta do reino e estrangeiros e D. Diogo de Souza Menezes na da fazenda, auxiliados pelos Secretarios de Estado major general da Armada Manoel Antonio Farinha, encarregado da repartição da marinha e Marechal de Campo Carlos Frederico de Caulla da de guerra, e embora estivesse patente que a retirada de D. João VI levaria o Brasil a completa separação da metropole, embalavão-se todos elles na doce crença — affirma um personagem da epoca — que apenas submettido a seu governo o Brasil obedeceria resignado (1).

Infelizmente essa illusão bem pouco durou. O desejo de ser livre, tão atrozmente castigado em 1790 em Minas e em 1817 em Pernambuco, tomara incremento no gozo das regalias a que a presença de D. João VI acostumára o povo. Era impossivel voltar, resignado, á antiga condicção de colono e assim, ao mesmo tempo que luctava o governo com as maiores difficuldades financeiras, a ordem publica ameaçava cada dia ser alterada pela crescente rivalidade entre portuguezes e brazileiros.

Em vão procurava D. Pedro debellar este ultimo mal. Dava em palacio reuniões para as quaes convidava indistinctamente os natos do paiz e os filhos de além-mar, mas

(1) Silvestre Pinheiro Ferreira. — Cartas — Annaes da Bibliotheca Nacional.

urbanos em sua presença — assevera o Sr. General Abreu Lima — retiravão se tão inimigos como antes.

Para cumulo de infortunio não cessavão as cõrtes de LiSBôa de adoptar medidas que cada vez tornavão mais improficuos os esforços do Regente. Supprimirão a Academia de Marinha e os Tribunaes do Rio de Janeiro, desligarão o governo das provincias da autoridade do Principe, e finalmente ordenarão a D. Pedro que seguisse para a Europa afim de visitar a Inglaterra, a França e a Hespanha e n'ellas aprender a arte de governar os povos.

Este ultimo decreto, cuja noticia chegou ao Rio trazida pelo navio *Infante D. Sebastião*, ás 3 horas da tarde de 9 de Dezembro de 1821, encontrou em ambos os partidos a mais decidida opposição. Já a Bahia se havia então revoltado contra a autoridade do Regente, e nomeado uma junta que se entendia directamente com as cõrtes, em Pernambuco, ferido Luiz do Rego, começára a lucta, e no Rio de Janeiro, mesmo, a Divisão Auxiliar, postada no Largo do Rocio, obrigara D. Pedro a jurar as bases da constituição promulgadas em Portugal. Tudo fazia crêr pois que a retirada do Principe fosse o signal para a mais desenfreada anarchia.

Nestas circumstancias os brasileiros, principalmente, resolverão invidar todos os esforços para que se não cumprisse o decreto e emquanto ordenava D. Pedro que se apromptasse a fragata *União*, e escrevia a seu pai declarando *que só esperava para fazer-se á vela a installação do novo governo*, convencidos de que a presença do Principe havia de apressar o movimento que projectavão, enviavão emisarios a diversas provincias para mover os povos a supplicar-lhe que não partisse.

Pedro Dias Paes Leme, depois marquez de Quixeramobim, foi mandado para S. Paulo, Paulo Barbosa da Silva para Minas, e no Rio de Janeiro o proprio senado da

camara se incumbio de igual petição que em pouco tempo foi assignada por mais de 8,000 pessoas.

No dia 9 de Janeiro de 1822 a Camara Municipal, acompanhada por quasi toda a população brasileira do Rio de Janeiro dirigio-se para o palacio. José Clemente Pereira, seu Presidente, leu um discurso em que commemorava as injustiças das côrtes portuguezas para com o Brasil e a resolução em que estava o povo de reagir contra as vexatorias medidas ; affirmou que *o navio que reconduzisse o Principe Real appareceria no Tejo com o pavilhão da independencia do Brazil* e entregou a petição a que D. Pedro respondeu :

« *Como é para o bem de todos, e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.* »

Essa decisão, formal desobediencia ás côrtes portuguezas, provocou completa opposição da Divisão Auxiliar. Pretorianos da epoca, como bem os chama o Sr. conego Fernandes Pinheiro de saudosa memoria, intentarão os soldados lusitanos demover o Principe da tomada resolução, e para esse fim o General Jorge de Avilez Jusarte de Souza Tavares dirige-se a D. Pedro e lhe entrega um protesto lavrado pelas tropas.

Felizmente para a causa do Brasil não era o Regente de espirito tão fraco que se deixasse intimidar. Recusou-se á satisfação do pedido, tomou immediatamente as medidas necessarias para vencer a nascente rebellião e á noute quando teve sciencia que os batalhões 11 e 15 de caçadores, abandonando os quartéis, tinhão ido se postar no morro do Castello, onde o resto da Divisão se lhes reunio, já havia feito seguirem proprios para S. Paulo e Minas pedindo tropa e ordenára ao general Curado que formasse a milicia no campo de Sant'Anna na madrugada do dia seguinte, 12 de Janeiro.

Ante a energia desenvolvida por D. Pedro submetteu-se então a força portugueza e se retirou para a Praia Grande

afim de esperar que se apromptassem os navios que devião conduzil-a á Europa.

No dia 9 de Janeiro, fretadas sete galeras, ordenou de novo o Regente que se effectuasse o embarque, mas só depois de ter mandado cercar a retaguarda da Divisão pela força de milicia e a frente pela fragata *União*, corveta *Liberal*, tres canhoneiras e uma barca a vapor; de ter mandado chamar á bordo do primeiro d'esses navios o general Avilez e lhe dito que cumprisse o ordenado sob pena de romper as hostilidades, foi obedecido. A 15 de Fevereiro, uma companhia de artelheria, uma de engenheiros e tres batalhões de caçadores, deixarão, finalmente, o porto do Rio de Janeiro nas galeras *S. José Americano*, *Despique*, *Duarte Pacheco*, *Industria*, *Treç corações* e *Constituição* e na sarda *Verdadeiros Amigos*, comboiadas pelas corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal* sob o commando do capitão de mar e guerra Diogo Jorge de Brito e capitão tenente João Bernardo Pereira de Campos.

Levavão estes dois navios ordem para não abandonar as galeras senão distante da costa e em caminho para a Europa, mas na altura dos Abrolhos, illudindo a vigilancia do comboio, duas dellas, a *S. José Americano* e a *Verdadeiros Amigos*, approão rumo da Bahia.

Logo que foi sabido o movimento ordenou Jorge de Brito que a *Liberal* dêsse caça aos fugitivos, mas fosse por ter rendido esse navio o mastro de traquete, ou pela má vontade de seu commandante, inteiramente devotado á causa de Portugal, não foi possivel obstar que chegasse á Bahia o batalhão 15 de caçadores, commandado pelo brigadeiro Francisco Joaquim Carreti, que ellas conduzião.

Continuou a *Maria da Gloria* comboiando as cinco restantes até a altura do Cabo de Santo Agostinho, e só então regressou ao Rio de Janeiro.



Emquanto no Rio de Janeiro se davão os acontecimentos que acabamos de narrar, continuavão as cõrtes de Lisboa a adoptar todas as medidas que podessem enfraquecer o Brazil, até redusil-o ao aniquilamento em que jasera anteriormente a 1808.

Debalde, os poucos deputados brasileiros que tinhão tomado assento pugnavão pela promulgaçãõ de leis condignas aos dois reinos, pedindo que tivesse o Brasil uma representaçãõ nacional á parte, que fosse governado pelo successor da corõa, quando o rei estivesse na Europa, e que a sêde do governo alternasse entre os dois paizes (1). Longe de ouvil-os, supprimirão os estabelecimentos de instrucçãõ na America e fizerão sahir á toda pressa a esquadrilha que devia conduzir o Principe á Europa.

A 5 de Março de 1822, tendo partido do Tejo a 16 de Janeiro do mesmo anno, aportou ao Rio de Janeiro essa força composta da nau *D. João Sexto*, ao mando do capitão de fragata João Antonio Marcellino, e arvorando a insignia do

(1) Xavier da Veiga-- *O primeiro reinado estudado á luz da sciencia.*

chefe de divisão Francisco Maximiano de Souza ; corvetas *Carolina*, *Princesa Real*, *Orestes* e *Conde de Peniche* commandadas pelo capitão de fragata João Bernardino Gonzaga e capitães-tenentes Antonio Joaquim do Couto, Theodoro de Beaurepaire e Joaquim Epiphanio de Vasconcellos, e transportes *Phenix* e *Sete de Março* sob o commando dos segundos-tenentes Domingos José dos Santos e Joaquim Estanislau Barbosa, encontrou, porem, D. Pedro já completamente decidido pela causa do Brasil e regressou sem obter outro resultado mais do que deixar ao serviço do futuro Imperio quatrocentos homens e a corveta *Carolina*.

Despeitado pelo procedimento que estava tendo o congresso de Lisboa, e comprehendendo que a ninguem era dado mais parar os acontecimentos que devião levar o Brasil á sua completa emancipação, deixara D. Pedro fascinar-se pela gloria de ser o fundador de um novo Imperio e pelo brilho da nova corôa. Dizem abalisados historiadores que a principio os factos o tinham arrastado, apesar da propria opinião, agora, porem, soavão de novo a seus ouvidos as palavras de seu pai ao despedir-se, e a lembrança de que *um aventureiro podia roubar-lhe o mais bello florão da corôa de Bragança*, decidia-o a abraçar o movimento do povo em cuja companhia passara a mocidade.

Entre Portugal convulcionado pela guerra intestina, e o Brasil cheio de futuro, entre a corôa do reino de seu pai, juguete das paixões do congresso, e o novo throno na America cercado pelas benções de um povo, não trepidou mais, desposou a causa da liberdade com a franquesa de que era capaz sua indole eminentemente liberal.

O norte do Brasil apresentava então o mais contristador espectaculo. Em Pernambuco, os dois governos constituídos começavão a hostilizar-se, e na Bahia reinava a mais completa anarchia.

Tinha sido nomeado para o cargo de Commandante das

Armas desta ultima provincia o brigadeiro Luiz Ignacio Pinto Madeira, mas recusara o substituido, brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães, apoiado pelos patriotas, empossal-o do emprego e originara-se serio conflicto. A tropa lusitana revolucionada comettia toda a sorte de iniquidades e de violencias. Saqueava os edificios, arrasava os templos e em seu vandalico enthusiasmo chegara a invadir o convento da Lapa e a matar freiras inermes a couce de espingarda. D. Pedro resolvêo mandar soccorro aos patriotas foragidos no interior.

No dia 14 de Junho do mesmo anno, uma esquadilha ao mando do chefe de divisão Rodrigo Antonio de Lamare, que tambem commandava a fragata *União*, e composta, além desse navio, das corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal* commandadas pelo capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira e capitão-tenente Antonio José de Carvalho, brigue *Reino Unido* (depois *Cacique*), ao mando do capitão-tenente D. Francisco da Silva Coutinho, suspendeo do porto do Rio de Janeiro com destino aquella provincia conduzindo 200 homens do regimento de milicias da côrte, 40 do 3º batalhão de caçadores e muitos officiaes ás ordens do brigadeiro Pedro Labatut.

Depois de ter corrido desde o primeiro dia de viagem, acossada por terrivel tempestade, até 180 milhas ao SO. da costa de Santa Catharina, no dia 26 poude essa força approar rumo de N. indo marcar Camamú a 3 do mesmo mez.

Já havia então o general Madeira sido avisado do destino da expedição e resolvido obstar por todos os modos que ella se communicasse com a terra. Desde o dia 1º as corvetas *Dez de Fevereiro*, commandada pelo capitão de fragata Joaquim Antonio Bruno de Moraes; *Regeneração*, de 22 canhões, commandante João Ignacio Silveira da Motta; *Restauração*, de 24, sob o commando do 1º tenente Ignacio

José Nunes ; bergantins *Audaç* e *Promptidão* commandados pelos capitães-tenentes José da Costa Carvalho e José Candido Correa, e escuna *Conceição*, ao mando do segundo-tenente F. José Vieira crusava entre o Morro de S. Paulo e a Torre de Garcia d'Avila á espera da força do chefe de Lamare.

A's 4 horas da tarde de 4 de Agosto, pairando 15 milhas ao SE. da ponta de Santo Antonio, descobriu afinal Bruno de Moraes a divisão que partira do Rio, mas os fortes aguaceiros que n'essa paragem abundão e que se prolongarão até as nove horas da noute não consentirão que os dois chefes se aproximassem.

A's 3 horas da madrugada, já claro o tempo, o official de quarto da corveta *Liberal* capitão-tenente Antonio Pedro de Carvalho, observou que a *Dez de Fevereiro* e o bergantim *Audaç*, abandonando a formatura, tentavão chegar á falla e immediatamente o participou ao commandante, mas o chefe de Lamare, previdentemente conjurou o perigo de uma tal aproximação, ordenando que toda a esquadilha virasse ao bordo do Sul, manobra que também executão os navios de Bruno de Moraes.

Durante os dias 5, 6, 7 e 8 continuarão á vista as duas forças ; a da Bahia anciosa por um combate em que a superioridade numerica assegurava facil triumpho e o chefe de Lamare peado pela rigorosa obrigação de antes de tudo pôr a salvo os soldados de Labatut, unico soccorro com que contavão os patriotas do Reconcavo, e impossibilitado de aceitar a lucta com um inimigo muito mais numeroso, e tendo seus navios tripolados por marinheiros do mesmo paiz que seu adversario e no mais deploravel estado de disciplina.

Havia então a esquadilha fallado a um brigue sob o commando do capitão Justino Xavier de Castro, por elle soubera que tinhão sahido de Lisboa 800 praças destinadas a

reforçar a gente de Madeira, e essa noticia causando a bordo a maior perturbação viera augmentar ainda o estado indisciplinado das guarnições.

Os officiaes do exercito descontentes ha muito, e planejando desde o Rio de Janeiro privar o General Labatut do commando de que tinha sido investido, *levantavão terrivel clamor desaprovando publica e desabridamente o comportamento do chefe que, segundo elles, phantasiava difficuldades para protelar a viagem*, e esses perniciosos exemplos abalavão o animo das guarnições, já inimigas da causa brasileira. dando lugar ao mais deploravel resultado —ao compromettimento do exito da expedição.

Bem pouco havia faltado já para que se cumprisse tão lastimavel successo. Sem que se suspeitasse. estivera bem perto o fracasso de todos os planos concebidos pelo Regente. fracasso que só havia sido desviado pela prudencia do chefe, bem comprehendedor dos encargos que lhe pesavão sob os hombros. Era intenção dos commandantes da corveta *Dez de Fevereiro* e do bergantim *Audaç* ao chegar perto da esquadilha brasileira levantarem vivas a D. João VI e convidarem as guarnições de nossos navios a seguil-os para a Bahia, e esse plano teria sido coroado do mais feliz exito. Soube-se posteriormente pelo mestre da corveta *Maria da Gloria* Antonio José de Freitas que a tripolação desse navio projectara surprehender os officiaes, arrojal-os á agua e encorporar-se aos vasos da Bahia.

No dia 7 de Agosto, ás 8 horas da noute, recebeu o chefe de Lamare um officio do general Labatut em que pedia que se fizesse a esquadilha ao rumo do porto das Alagôas, afim de ahi desembarcar a tropa, não querendo, porem, assumir toda a responsabilidade de um acto que o desviava das instrucções que havia recebido. reunio conselho de officiaes, que por escripto, em sua maioria, aprovou o pedido. Derigio-se por conseguinte para esse destino a expedição, e apor-

tou a Jaraguá no dia 18 sem outro acontecimento mais do que terem sido presos na viagem o tenente-coronel Antonio Martins da Costa, o major Carlos Augusto Taunay e os capitães Joaquim Satyro da Cunha e Ignacio Gabriel Monteiro de Barros, indigitados pelo General Labatut como os chefes da conspiração que contra elle se tramava.

No dia 27 fez-se de novo a expedição ao rumo de Pernambuco, afim de prover-se de aguada e mantimentos.

Pesava no animo do chefe de Lamare a impossibilidade em que se achára de aceitar o combate com a esquadra da Bahia e o temor de que seu procedimento podesse ser com menos justiça aquilatado. Embora se lhe houvesse determinado nas instrucções de 12 de Julho, que evitasse encontro com forças superiores, comprehendia os resultados beneficos que á causa do Brazil havia de trazer um bloqueio, que impedisse a entrada de qualquer reforço vindo da Europa ou de munições de guerra e de bocca, que já escasseavão na capital da Provincia.

N'estas condicções, logo depois de ter chegado a Pernambuco officiou á junta do governo, solicitando as providencias necessarias para habilital-o a fazer-se de véla novamente. Requereo que se vistoriasse a corveta *Maria da Gloria* que fazia 80 pollegadas d'agua por dia, que se concertasse o brigue *Reino-Unido*, cujo apparelho estava em pessimo estado e tinha o *trincaniç* tão podre que pelos olhaes que n'elle trabalhavão já não se podia içar cousa alguma, que se lhe fornecesse os mantimentos necessarios para manter-se nas costas da Bahia, e quatro navios mercantes para serem armados em guerra. Infelizmente não estava Pernambuco em estado de poder satisfazer este ultimo pedido.

Esforçava-se o Intendente da Marinha Manoel de Carvalho Paes de Andrade por corresponder aos desejos do chefe de Lamare, ordenára-se, e havia começado já, o concerto dos navios, com a urgenciã que o caso requeria quando

novos acontecimentos vierão tornar ainda mais difficultosa a posição do commandante da esquadilha. Ao mesmo tempo que se recebia a noticia de ter sahido de Portugal uma nova força comboiada pela náu *D. João VI* o germen de insubordinação, que ha tanto tempo lavrava a bordo, começava a manifestar-se claramente.

No dia 7 de Setembro reunio de novo o chefe de Lamare um conselho de officiaes a bordo da capitanea, e pediu que por escripto se deliberasse sobre a derrota que devia seguir a expedição. Mostrou-lhe as instrucções do Principe, que lhe ordenavão permanecesse bloqueando a Bahia, até que o general Madeira se retirasse ou fosse vencido ; as difficultades que á politica do Regente podia acarretar um revéz, que circumstancias não previstas deixavão agora esperar, e a obrigação de cumprir ao pé da letra, como militar que era, a ordem recebida. Lavrou-se um termo em que todos, quasi sem excepção, (1) opinavão pela vinda ao Rio de Janeiro, mas nem por isso cessarão as hesitações do chefe.

(1) « Aos sete dias do mez de Setembro do anno de mil oitocentos e vinte e dois, a bordo da fragata *União*, de que é commandante o chefe de divisão Rodrigo Antonio de Lamare, convocados os commandantes das embarcações e officiaes debaixo do commando do mesmo chefe, o capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira, commandante da *Maria da Gloria* e officiaes ; o capitão tenente Antonio José de Carvalho, commandante da *Liberal* e seus officiaes ; o capitão tenente D. Francisco de Souza Coutinho, commandante do brigue *Reino Unido* e seus officiaes, o chefe leu a sua carta de ordens, e igualmente o officio em que á junta do governo d'esta provincia requisitou tres ou quatro navios para armar em guerra e a resposta do mesmo Governo em que não podia dispensar os mesmos navios por não os haver, assim como o termo de vistoria que se fez á corveta *Maria da Gloria* e brigue *Reino Unido*. Propôz o chefe que os officiaes todos dessem seu voto, ponderando todas estas razões e combinadas com a força da esquadra da Bahia, se esta divisão devia ir bloquear o porto da Bahia, ou se devia ir em direitura ao porto do Rio de Janeiro buscar as ordens de S. A. Real. Por pluralidade de votos assentárão 17, que devia ir-se immediatamente para o Rio de Janeiro e quatro disserão o seguinte : o 2º tenente Antonio Joaquim de Souza, que tendo em vista dar execução á carta de ordens que o chefe da esquadra tem de S. A. Real, depois de receber mantimentos e aguada, pois disso se necessita, seguissemos para a Bahia, afim de pôr em pleno cumprimento o que n'ella se contém ; o major de brigada Agostinho Petra de Bittencourt, que se ponha em execução a carta de ordens de S. A. Real ; o capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira cingio-se em tudo ao voto que em separado deu por escripto, ao lavrar-se o presente termo, que junto deve andar com a data do presente, e o chefe de divisão seu voto

Ha d'esses momentos na vida d'aquelles a quem está confiada a defeza armada de uma nação. De Lamare soffria então o mesmo que devera ter soffrido Villeneuve, um dia antes de ter sahido de Cadix para encontrar a derrota em Trafalgar. A consciencia da inferioridade de sua força, aconselhava para interesse do paiz, um procedimento que o decoro e a honra propria repellião com todas as veras.

A idéa de uma macula em sua vida militar apavorava-o e teria, sem duvida, assumindo toda a responsabilidade, se encaminhado para a Bahia si não fossem os motivos expendidos pelo capitão tenente Antonio Pedro de Carvalho e que constão de uma memoria que publicou posteriormente.

« Essa opinião do Chefe — diz esse distincto official — fez com que eu pretendesse dirigir-lhe um protesto, em que o tornava responsavel para com o Principe, pelos resultados funestos de sua teima em se approximar da Bahia, mas o capitão tenente commandante do brigue *Reino-Unido* o foi logo communicar ao mesmo chefe, que no dia 12 de Outubro nos reunio de novo a bordo da capitanea, onde o informei circunstanciadamente do estado sedicioso da guar-

foi ir á Bahia verificar se as forças são, como se diz, superiores ás desta divisão, para então, n'esse caso, ir para o Rio de Janeiro; e como assim declarassem, fiz o presente. E eu Augusto Pecurario o escrevi.

Bordo da Fragata *União* no porto de Pernambuco, 7 de Setembro de 1822.

Joaquim Augusto Pecurario, piloto, escrivão.— *Raphael José de Carvalho*, 2º tenente.— *Francisco Candido Vellozo Sayão*, 2º tenente.— *Rodrigo Theodoro de Freitas*, 2º tenente.— *Pedro da Cunha*, 2º tenente.— *Antonio Alberto dos Santos Lopes*, 2º tenente.— *Antonio Joaquim de Souza*, 2º tenente.— *Feliciano Ignacio Maia*, 1º tenente graduado.— *Joaquim José de Araujo*, 1º tenente.— *Francisco Pereira Limpo*, capitão tenente.— *Fernando Liborio Rodrigues*, capitão tenente.— *Antonio José de Carvalho*, capitão tenente.— *Antonio Salema Freire Garção*, capitão tenente (Deu voto por escripto).— *Fernando José de Mello*, capitão tenente.— *D. Francisco de Souza Coutinho*, capitão tenente.— *Augusto José de Carvalho*, capitão tenente.— *Paulo Freire de Andrade*, capitão de mar e guerra graduado.— *Luiz da Cunha Moreira*, capitão de mar e guerra.— *Rodrigo Antonio de Lamare*, chefe de divisão.— *Manoel Joaquim da Costa Pereira*, 2º tenente.— *Ricardo Thompson*, 2º tenente.— *Agostinho Petra de Bittencourt*, major graduado, commandante do destacamento.

nição, e principalmente de sua fragata e da corveta *Liberal*, onde já tinha havido um principio de sublevação por ter-se imposto o castigo de perda de ração de aguardente. »

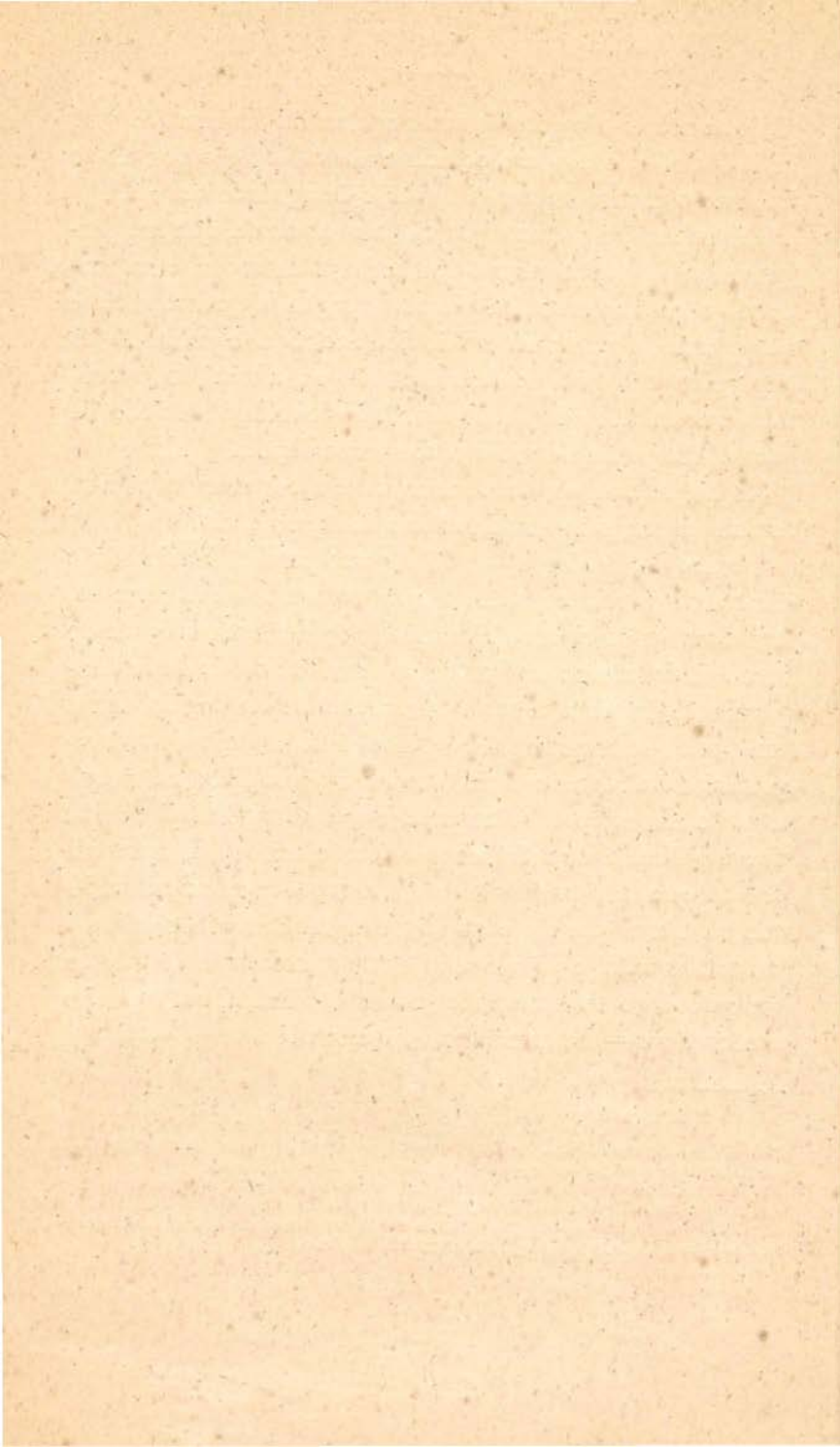
« Esta declaração fez algum abalo no chefe, que me perguntou se duvidava jurar o que acabava de expôr, e respondendo negativamente lhe dei por escripto o quanto sabia e nos fizemos á vela para o Rio de Janeiro, não deixando de apparecer um principio de sublevação na altura dos Abrolhos, que foi abafada, sendo mandados os cabeças do motim para a *Maria da Gloria* e processados depois. » (1)

Ao chegar ao Rio de Janeiro teve a esquadilha a grata noticia de ter sido proclamada a Independencia.

Partira D. Pedro a 14 de Agosto para S. Paulo, onde lhe constava reinar grande desharmonia, e ao seu regresso, nas margens do riacho Ypiranga, a 7 de Setembro, tendo recebido despachos de Portugal, levados do Rio de Janeiro por Paulo Emilio Bregaro e major Antonio Ramos Cordeiro, em que se determinava a responsabilidade de todos os signatarios da representação que motivára o *Fico*, se annullava a convocação dos Procuradores das Provincias, e se lhe tirava o direito de escolher seus conselheiros; comprehendendo que não podia por mais tempo contemporisar, levantou a luva que tão pertinazmente lhe atiravão e soltou o brado, ainda hoje ouvido com enthusiasmo, que decidiu da sorte do povo e inscreveu o nome do Brasil na lista das nações livres— INDEPENDENCIA OU MORTE !

(1) Dois d'elles, João José Rodrigues e Luiz da Silva, soldados de artilharia de marinha, forão a 31 de Outubro do mesmo anno, condemnados a serem arcabusados, como incursos no art. 40 dos de guerra.

No dia 14 de Fevereiro do anno seguinte, sahirão do Aljube; onde tinham estado presos, ouvirão missa na igreja de Santa Rita e pela rua dos Ourives seguirão para o largo da Ajuda, onde devião ser executados, mas ahí receberam o perdão concedido por Decreto da vespera.





Depois do primeiro encontro das forças do general Madeira com os patriotas ao mando do brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães, assumira o primeiro a suprema autoridade no governo da Bahia, e cada dia augmentava o rigor com que julgava poder suffocar o descontentamento da população. As medidas as mais vexatorias erão postas em pratica ; a simples suspeita ou denuncia de ser sympathico a causa do Brasil implicava prompto regresso á Europa, senão os mais severos castigos, longe porem, de servirem ao fim desejavel, só cooperavão essas medidas para augmentar-se o numero dos adversarios.

Por outro lado, a segurança individual a cada instante ameaçada pelas desordens da soldadesca lusitana, o commercio quasi paralyzado, a esperança, todos os dias perdida, de ver chegar os grandes reforços de tropas promettidos pela metropole, e a aproximação do general Labatut que, reunido aos revoltosos do Reconcavo, apertava em rigoroso cerco a capital, fazião vacillar os animos ainda dos mais presos á politica do congresso de Lisboa, e occasionavão

entre os defensores da cidade grande numero de deserções que ia fazer crescer a força dos patriotas.

O proprio general Madeira, que a principio encarára com desprezo o movimento da milicia bahiana, começava a sentir que seria improficua a resistencia. Longe do unico ponto donde lhe podia vir auxilio, sabendo que quasi todas as provincias tinham adherido ás resoluções tomadas no Rio de Janeiro, principiava a temer as funestas consequencias de seu proceder, agora que via deante da cidade proecto soldado, já conhecido na guerra, e cujo nome se tinha coberto de gloria na lucta com os francezes. Mais general do que politico não julgava, porem, poder retroceder e assim, á proporção que na praça que occupava se manifestavão as adhesões á causa do Regente, duplicava o rigor e os meios de defesa.

A noticia de ter sido acclamado, no Rio de Janeiro, o Principe D. Pedro, Defensor Perpetuo do Brasil, chegou á Bahia quando já estava a provincia no estado que acabamos de narrar, e veio apressar os acontecimentos. A villa de S. Francisco da Barra, imitando o proceder do Rio, reconheceu o novo titulo; Santo Antonio, Jaguaripe, Inhambupe, Maragogipe, fizeram outro tanto, felizmente, sem que houvesse scena alguma a lamentar, a villa da Cachoeira, porem foi menos feliz.

Logo depois de ter-se dissolvido a junta governativa da capital sob a pressão da tropa lusitana, alguns de seus membros, depois de protestarem para a Europa contra o estado de anarchia em que jasia a provincia, havião-se retirado para aquelle ponto, onde pacificamente esperavão que pelo congresso fossem tomadas as medidas necessarias á paz e tranquillidade do povo; mas, receioso Madeira que procurassem levantar a população, ordenára a uma escuna de guerra que se fosse postar em observação, garantindo não só

a fidelidade das autoridades, como que não se enviassem socorros aos insurgentes do Reconcavo.

Em 24 de Junho os coroneis de milícias José Garcia Pacheco e Antonio Falcão, tendo-se decidido a dar o signal da revolta, reunirão perto de cem homens e forão acampar no sitio de Belem, e no dia seguinte officiarão ás autoridades civis e ao commandante da escuna, communicando que era desejo do povo reconhecer o novo titulo que o patriotismo dos fluminenses conferira ao Regente, pedindo-lhes que não obstassem a satisfação dessa vontade. Tanto um como outro responderão immediatamente promettendo, sob suas palavras de honra, completa neutralidade, estavam bem longe, porem, de cumprirem essas promessas.

As 9 horas da manhã do mesmo dia, congregadas na casa da Camara as pessoas mais gradas da Villa, lavrou-se a acta do reconhecimento que por todos foi assignada, e em seguida celebrou-se na Igreja Matriz solemne *Te-Deum*, sem que os Lusitanos tivessem tentado impedil-o ; ás cinco horas da tarde, porem, quando o povo se recolhia, uma descarga de fuzilaria feita da morada de Manoel Machado Nunes e seguida de trez tiros de canhão, disparados pela escuna, vierão convencer a população que havia de sellar com seu sangue o juramento que acabava de fazer.

Como era natural, a subita e inesperada aggressão produziu algum assombro, bem depressa, porem, succedêo a calma reflectida e a firme resolução de romper, si fosse necessario, toda a communicação com a capital. Elegêo-se uma *Junta Conciliatoria de Defesa* composta dos cidadãos mais importantes da Villa e incumbio-se-a de entrar em explicações com o commandante da escuna, no intuito de evitar a lucta e suas funestas consequencias.

No desempenho de tão espinhosa missão, o capitão Antonio Teixeira de Freitas Barbosa conservou-se na altura que as circumstancias exigião. Como presidente dos eleitos offi-

ciou ao commandante do vaso de guerra, solicitando a suspensão de hostilidades, e teve o enorme prestigio de conter o povo exaltado, quando á noute repetirão-se os tiros de bordo, no dia 28 porem, recebendo um officio em que se declarava que seria bombardeada a povoação se continuasse a reconhecer o titulo dado ao Regente, não poude mais conter os diques da indignação popular.

E' realmente notavel a serie de imprudencias commettidas pelo official commandante da escuna estacionada na Cachoeira. Não satisfeito de ter faltado a uma promessa solememente feita, de persistir no intento de lutar, sem ao menos pedir auxilio ao commandante da esquadra que tão perto se achava, commetteu ainda a grave falta de aproximar-se de terra até encostar seu navio ao barranco, sem lembrar-se que o refluxo da maré encalhando-o, privava-o do unico meio de salvação— a fuga.

Perdida já a ultima esperança de chegar a um accordo preparou-se o povo para tomar por abordagem a escuna, e na noute do mesmo dia, uns embarcados em escaleres, outros por terra, seguirão a pôr em pratica o plano. Estava já a guarnição em seus postos de combate. preparada senão para repellir o ataque ao menos para vender tão caro quanto lhes fosse possivel a propria vida.

Toda a valentia e arrojo que é possivel conceber em homens verdadeiramente animosos forão levados a effeito no convéz de tão pequeno navio. Emquanto uma parte da guarnição repellia de ambos os lados a abordagem, respondião os canhões ao fogo de terra com a presteza de que erão capazes os mais consummados artilheiros. Ataque e defesa prolongarão-se com o mesmo ardor até a meia noute, e só então, já prostrada uma parte da valorosa maruja e ferido o commandante, renderão-se os vinte e seis homens que restavão.

Esse combate, o primeiro ferido seriamente entre os dois partidos, foi o signal de outros mais importantes e que rapidamente se succederão.

A 21 de Outubro tendo se sabido da aclamação de D. Pedro como Imperador do Brasil, a Villa de Itaparica festejou o acontecimento de modo tão ruidoso que das janellas de palacio poude o General Madeira comprehender o que se passava. No dia seguinte o bergantim *Audaz*, de 18 peças, a barca *Constituição*, de 14, e 15 lanchas canhoneiras aproximão-se da ilha, cujas fortificações reconhecem, e na madrugada de 23 rompem nutrido bombardeamento, que com vigor é respondido durante cinco horas.

Houve de ambos os lados alguns feridos, não teve porem essa acção outro resultado mais do que convencer os Itaparianos da necessidade de possuir navios que podessem oppôr alguma resistencia as correrias dos vasos lusitanos. Immediatamente depois, uma barca, que se denominou *D. Pedro*, foi armada com um rodizio á prôa e entregue ao commando de João Antonio de Oliveira Botas e a esta se seguirão outras com tanta rapidez que a 8 de Dezembro, apesar dos pequenos recursos de que dispunhão, constava a flotilha dos patriotas dos barcos *D. Pedro*, tripulado por 50 homens ; *D. Leopoldina*, por 68 ; *Vinte cinco de Junho*, por 88 ; *D. Maria da Gloria*, por 50 , *D. Januaría*, por 67 ; *D. Paula*, por 62 ; *Villa de S. Francisco*, por 65 ; *Preza*, por 70 ; Escuna *Cachoeira*, por 109 e 9 baleeiras por 91. Ao todo 18 embarcações e 710 praças de guarnição.

Si não era uma força respeitavel que podesse conservar em distancia a poderosa esquadra ao mando do chefe de divisão Felix de Campos, é inegavel que, constituida por embarcações de pequeno calado, podia prestar relévantes serviços aos patriotas do Reconcavo e ao exercito pacificador.

Achava-se então o general Labatut em frente ás trincheiras da cidade e, não mantendo communição alguma com o littoral, via escassearem os generos que, com innumerables difficuldades recebia do interior. Nestas circumstancias, resolve João das Botas levar-lhe soccorros, e no dia 8 de Novembro, suspendendo com a *D. Pedro*, carregada de mantimentos, apesar de perseguido tenazmente pelos bergantins *Audaç* e *Promptidão*, chega a salvo a seu destino donde regressa no mesmo dia.

Orgulho so por esse triumpho, e confiando mais em seu valôr do que nos amigos que lhe aconselhavão prudencia, concebe o temerario intento de ir em um só navio bater-se com a força lusitana. Sahe de Itaparica ao amanhecer de 23, e ás 8 horas da manhã começa o ataque em que não podia depositar a minima esperança de victoria.

Cercado immediatamente por onze adversarios de força tão superior que um só bastaria para fazel-o pagar bem caro o arrojado intento, reconhece João das Botas o erro em que cahira, mas sereno, impassivel, sem que lhe assuste a superioridade numerica, sustenta durante trez horas e meia, com a unica peça de seu navio, o mais heroico combate.

A's 11 horas e meia da manhã já não era mais possivel resistir sem um apoio. Sobrava-lhe coragem, não faltava entusiasmo na guarnição que commandava, começavão porem, a exaurir-se as forças com tão porfiada contenda. Então, na alternativa de succumbir entregando a embarcação que ainda podia prestar relevantes serviços á patria, ou buscar a salvação n'uma fuga que não podia ser desairosa, não trepida mais. Semprê batendo-se dirige a prôa para a praia das Amoreiras e vai refugiar-se sob as baterias ao mando do Major Galvão, que sabe conter os lusitanos em respeitosa distancia.

No dia 6 de Janeiro de 1823 intenta de novo o general Madeira apoderar-se da ilha de Itaparica, que cada vez mais fortificada ameaçava-o seriamente. Trinta e nove embarcações, inclusive dois brigues, uma escuna e uma sumaca, levando 1500 homens de desembarque, fazem-se de vela do porto da cidade, ás 4 horas da tarde, sob o commando do chefe de divisão João Felix Pereira de Campos, e no dia seguinte ás 6 horas da manhã, formadas em duas linhas, uma pelo lado da praia das Amoreiras e outra pelo Mocambo aproximão-se do forte de S. Lourenço, onde se achavão montados seis canhões de calibre 36, um de 14, um de 18 e oito de 12, sob o mando do Major de artilharia Luiz Corrêa de Moraes.

A's 7 horas e meia, um barco e um lanchão, destacando-se da formatura, aproximão-se até reconhecer os pontos defendidos, e pouco depois, voltando a seu lugar, começam com os restantes o bombardeamento, que durou hora e meia e findo o qual emprehende Felix de Campos o desembarque.

Duas vezes se aproxima de terra e outras tantas é repellido. Pelejão como heroes os europeos, mas os independentes rivalisão em bravura, e seus certos tiros disimão sem piedade a força dos assaltantes.

João das Botas, Francisco da Silva Castro, Felipe Alvares de Oliveira, José Antonio Gonçalves, André Avelino, Plácido José da Maia, Manoel Pereira e Fortunato Alvares de Souza, que commandão os vasos da pequena flotilha collocada á sombra das baterias de terra, centuplicão seus esforços em protecção aos defensores da ilha, e respondem efficaçmente ao bombardeamento, que só pára durante a noute, para começar ainda mais vivo no dia seguinte, em que novo desembarque é tentado tambem sem melhor fortuna. Desiste então Felix de Campos da empreza, e reunindo as embarcações que trouxera, retira-se para a capital, trazendo

grande numero de feridos entre os quaes se contava o guarda marinha José Maria Freire do Amaral, heroe de 18 annos de idade que, tendo perdido o braço direito no dia 7, continuara a bater-se com o esquerdo, até que perdeu os sentidos.

IV

Como já dissemos, a 7 de Setembro de 1822 alevantára-se o Brasil ao grito de um generoso heróe, Pedro I, e mostrara ao mundo inteiro que *não ha forças que possam reagir contra um povo que não quer ser mais escravo.*

Quebrara-se afinal o ultimo élo da cadeia que o ligava ao reino de Portugal, e o pavilhão em que o novo Imperio inscrevia seu nome ia tremular, saudado pelo entusiasmo de um povo livre.

O grito de liberdade percorrêra o immenso territorio, com incrível velocidade e fizera agrupar ao redor do novo throno, cheias de jubilo, as provincias do Sul. S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande, livres das forças portuguezas, adherirão sem lucta nem esforço á nova ordem de cousas, o nóрте, porem, onde desde muito concentrava Portugal os reforços com que pretendia aniquilar as aspirações emancipadoras de sua colonia, faltava á grande festa brasileira. A Bahia, principalmente, em poder de Madeira, agora apoiado

por mais dois mil e quinhentos homens dos batalhões 1, 2 e 5 de caçadores e 5 e 6 de infantaria, chegados da Europa em 15 vasos de guerra e mercantes, demonstrava bem claramente que não podia o Brasil constituir-se nação independente sem a provança das luctas, porque *passão todos os Estados n'esse memoravel periodo de sua existencia politica.*

Debalde João das Botas praticava, como vimos, actos de inexcédível bravura; faltava uma força marítima que podesse fazer frente á poderosa esquadra lusitana.

A primeira necessidade de uma nação que possúe grande litoral, é sem duvida, ainda mesmo quando em paz, uma marinha respeitavel e o Brasil, que entrava em lucta com um paiz que possúia recursos navaes, que tinha seus portos occupados por naus e fragatas inimigas, não podia lançar mão, de momento, sinão de cascos velhos e pela maior parte imprestaveis.

No dia 10 de Novembro, quando pela primeira vez se içarão as bandeiras do Brasil, compunha-se nossa esquadra da nau *Martim de Freitas* (depois *Pedro Primeiro*); fragatas *Successo* (posteriormente *Nichtheroy*), *União* fabricada na Bahia e armada em 14 de Novembro de 1817 (depois *Ypiranga*) e *Real Carolina*, construída em Damão; corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal*, além das naus *Vasco da Gama* e *Príncipe Real*, e outras pequenas embarcações incapazes de prestar serviço algum no oceano. Oito navios mas desses mesmos os dois ultimos só aproveitaveis para defesa do porto, a *Maria da Gloria* e a *Liberal* antigos navios mercantes, *Horacio* e *Gaiivota* sem as qualidades necessarias a vasos de guerra e o *Successo* necessitando sérios reparos.

Quanto ao pessoal, o estado ainda era mais lamentavel. Logo depois de 7 de Setembro, cinco capitães de mar e guerra, um capitão de fragata, sete capitães tenentes, quatro

primeiros tenentes, cinco primeiros tenentes graduados e dois segundos recusando adherir á independencia, tinhão-se retirado para Portugal e a marinhagem era toda portugueza.

Urgia pois os maiores sacrificios para levar a cabo a empreza começada.

Ordenou-se o concerto de todos os navios existentes, e o Arsenal começou a trabalhar activamente. Abrio-se uma subscrição popular, que attingiu a grande somma, concorrendo os negociantes do Rio de Janeiro com cem contos de réis, os de Porto Alegre com sete contos e tresentos e os de Santa Catharinas com avultadas quantias. José Domingues Moncorvo, João Goularte e Lourenço Antonio do Rego offercerão-se para concertar gratuitamente a *Successo*, concorrendo o Estado apenas com o vellame. Comprou-se por treze contos o brigue *Nightingale*, que passou a chamar-se *Guarany*, bem com o *Atlantico*, e o proprio Imperador offereceu o *Maipú*, depois *Caboclo*. Nomeou-se João Taylor, capitão de fragata, Jorge Manson e William Eyre primeiros tenentes e Adriano Hendrich Mynsson segundo tenente. Encarregou-se Caldeira Brant do engajamento de marinheiros em Londres, e convidou-se o Almirante Lord Cochrane, para vir tomar o commando da esquadra.

Nascido a 27 de Dezembro de 1775 na Escossia, estava então esse bravo ao serviço do Chile onde continuára com o mesmo esplendor o principio glorioso de sua carreira. Sagrado, heróe aos vinte e seis annos de idade, quando commandante do bergantim *Speedy*, tripulado por 54 praças, tomára por abordagem a fragata hespanhola *Gamo*, de 32 canhões e 259 homens, soubera elle nos mares do pacifico prestar os mais relevantes serviços á independencia das colonias hespanholas.

Amando com delirio todos os perigos, sempre avido de aventuras extraordinarias, aborrecia-se em sua quinta de Quintero, agora que terminava a prolongada campanha,

onde tão brilhante papel havia representado e queixava-se amargamente do governo chileno, que não soubera galardoar como devera, seus serviços. Natureza poderosa, dotado de tanto valor quanto pode ter a humanidade, recordava, cheio de saudade, as façanhas que tinham tido por theatro tantos mares distinctos e anciava por novas occasões em que podesse empregar a superior energia que lhe innundava a alma.

Foi nessa occasião que lhe appareceu a proposta do governo. Em troca de doze mil pesos que se lhe concedia annualmente como soldo, seis mil para comedorias e do compromisso de entregar-lhe sessenta mil patações, que lhe devia o Chile, pedio-lhe o novo imperio o serviço de seu braço e o prestigio de seu nome, cercado de immorredouros louros.

Nem tanto era preciso para que aceitasse pressuroso. Trazendo em sua companhia Thomaz Sackville Crosbie, João Pascoe Greenfell, Jaime Sheperd e Estevão Carlos Clewley, que entrarão para a armada, o primeiro no posto de capitão de fragata, e os outros no de primeiro tenente, chegou ao Rio de Janeiro a 13 de Março de 1823, no brigue inglez *Coronel Allan*, de que era commandante Bartholomeu Hayden, e tendo sido nomeado primeiro almirante no dia 21, ás 5 horas da tarde desse mesmo dia içou sua insignia a bordo da *Pedro Primeiro*.

Bem pouco se demorou depois desse dia no porto do Rio de Janeiro quem tanto desejava a lucta. A 3 de Abril seguinte, com uma divisão composta da nau *Pedro Primeiro*, de 74 canhões, ao mando de Crosbie; *Ypiranga*, de 54, sob o commando do capitão de mar e guerra David Jewet; corvetas *Liberal* e *Maria da Gloria*, a primeira de 20 e a segunda de 32, commandadas pelos capitães tenentes Antonio Salema Garção e Theodoro de Beaurepaire; brigue *Guarany*, de 14, commandante o capitão tenente Antonio

Joaquim do Couto, e brigue-escuna *Real Pedro*, sob o mando do primeiro tenente Justino Xavier de Castro, sahio com destino a Bahia, cujo porto reconheceu a 25 do mesmo mez, já então augmentada a divisão com a corveta *Nictheroy*, commandada por Taylor.

Avistada da cidade, ordenou immediatamente o general Madeira que a esquadra portugueza fôsse a seu encontro, essa ordem porem só poude ser cumprida no dia 30, por ter a 26, na occasião de suspender, enalhado a nau *D. João Sexto* no banco que existe ao pé do forte do mar.

Compunha-se a força lusitana dos seguintes navios : nau *D. João Sexto*, de 88 canhões ; fragatas *Perola*, de 44 e *Constituição* de 56 ; corvetas *Regeneração* e *Dez de Fevereiro* de 26, *Restauração* e *Princesa Real*, de 22 ; bergantim *Audaç*, de 18 ; escunas *Principe* e *Conceição*, uma charrua e um lúgar.

Na manhã de 4 de Maio, navegava com mar chão e vento bonança do quadrante de NE, e formada na 5ª ordem de marchar acabava de virar pela contra marcha, começando a evolução pelo navio testa da columna de sotavento, quando ás seis horas e cinco minutos, declararão os vigias que apparecião cinco navios ao rumo de ENE, e ordenou Felix de Campos — *virar por davante*, — ficando então com a amura a EB. A's seis horas e quarenta e cinco minutos, já inteiramente executada a manobra, fez de novo signal — *diminuir distancias* e pouco depois — *retirem-se todos os caçadores*. — A's sete horas e meia, reconhecendo serem suspeitos os vasos avistados, mandou — *pôr a kapa com a amura a EB'* — e ás 8 — *união* — para o brigue *Audaç* e sumaca *Conceição*.

Navegava então a força brasileira pelo travez de barlavento da esquadra lusitana, e na seguinte ordem : *Pedro Primeiro*, *Ypiranga*, *Nictheroy* e *Maria da Gloria*, Li-

beral e Real Pedro, e fóra da linha, como repetidor, o *Guarany*.

A's nove horas e quarenta e cinco minutos, já tudo se achava a postos na força da Bahia, que navegava em gaveas e joanete, tendo atravessado a gata para conservar a posição que variava do N ao NNO, quando os navios de Cochrane, mettendo mais de ló, içarão as respectivas bandeiras. A's dez horas, a sumaca *Conceição* chegou á falla da capitanea portugueza, e pouco depois percorreu toda a linha de sota-vento, ordenando que se adiantasse de modo a ficar seu navio cauda pela alheta de prôa do testa da columna de barlavento, e prompta para virar por d'avante e metter o inimigo entre dois fogos.

Estava nessa occasião a divisão brasileira pela diagonal da linha portugueza, na distancia de duas milhas e aproximava-se com o intuito de emprehender combate com os quatro navios da retaguarda, que um claro entre a *Princeza Real* e a fragata *Constituição* permittia isolar.

Era a mesma manobra tantas vezes executada por Nelson com o mais feliz exito, porem manobra que depende de circumstancias de disciplina e valor, com que infelizmente não podia contar a força brasileira. A pessima formatura que conservavão as linhas de Felix de Campos, a morosidade com que executavão qualquer movimento, erão indicios que asseguravão facil triumpho, mas para um adversario de outra tempera que não os portuguezes, que tripulavão os nossos navios, a quem faltava não só essa virtude de que falla Thiers, que é capaz de conjurar o destino — a resolução de batalhar até morrer—, mas o desejo de medir suas forças com os adversarios que tinham deixado de ser seus compatriotas, desde que os primeiros havião abraçado espontaneamente a causa do Imperio.

As 11 horas e dez minutos, fez signal a capitanea portugueza *marear á bolina com a mesma amura*, — e ao meio

dia em ponto, mettendo em cheio, trocava a *Pedro Primeiro* seus tiros com a *Prinçesa Real* que ora orçando, ora arribando acompanhava-lhe todos os movimentos. Durante dez minutos, tenta o Almirante brasileiro arrastar comsigo o adversario, mas reconhecendo a impossibilidade, segue avante, indo cortar a linha pela sua prôa. Infelizmente nesta nova posição vai encontrar-se completamente isolado, por isso que o resto de força, excepção feita da *Ypiranga*, se conserva em distancia e mera espectadora da lucta.

Desejava ardentemente a briosa officialidade tomar parte na contenda, mas recusava a marinhagem manobrar, e ameaçava entregar os navios, se mais se aproximassem.

Persistir então em combater, alem de um sacrificio inglorio importava em comprometter seriamente a independencia. Já virava a columna de sotavento, ameaçando envolver-o em dois fogos, e estimulado pelo exemplo da dos outros navios recusava-se tambem a guarnição de *Pedro Primeiro* a fazer fogo. O fiel da artilharia, um escoteiro e um cabo, encarregados de passar os cartuxos, fechando as portas do paiol, declaravão que *não mais sahiria d'ahi polvora para atirar a portugueses*. Faz o almirante Cochrane signal para — *retirada* — mas deixa se perseguir de perto, sempre respondendo com os guarda-lemes, ao fogo dos cachorros de prôa dos caçadores e com o intuito de, ao anoutecer, atacar o navio que se achasse proximo.

As sete horas da noute o signal — *União* —, feito pela capitanea portugueza, pôz fim a acção, que podia ter sido memoravel, sí nossos navios tivessem sido tripulados por outra gente, ou nos vasos portuguezes tivesse havido a necessaria presteza de momentos.

Perdemos nesse encontro desesete marinheiros mortos, alem de muitos feridos, as avarias porem, forão insignificantes comparadas com as que soffreu a *Princesa Real*, que, segundo a parte de seu commandante, teve trez rombos

no costado, feitos por balas de 24, sendo um na coberta e dois no convéz, o mastro da mezena varado, o mastaréo de joanete de prôa partido, a retranca em trez pedaços, muitos cabos, tanto fixos como de laborar cortados, as velas cheias de agulheiros e no costado muitos signaes de projectis que não poderão penetrar. (1)

(1) Vide a parte official do capitão tenente Francisco de Borje Pereira de Sá. Nota no fim do Volume.

V

A 5 de Maio, dando parte do nenhum resultado obtido no encontro da vespera, escrevia o almirante Cochrane ao ministro do imperio, em officio reservado :

..... « *Estou aborrecidissimo com o resultado que foi tal, contudo, qual se podia esperar da má tripulação da esquadra. Tenho determinado ir-me ao Morro de S. Paulo e deixar alli os navios ronceiros. Tenciono tirar todos os officiaes e marujos da IPIRANGA e da NICTHEROY para esta náu, e com ella só, ou acompanhado pela MARIA DA GLORIA, dirigir-me á Bahia para reconhecer a situação do inimigo e seu ancoradouro, e procurar as informações precisas para entrar em effectivas operações.* » E de facto, enquanto a força portuguesa continuou no cruzeiro, regressou Cochrane aquelle ponto onde pouco depois aportou tambem a escuna *Leopoldina*, commandada pelo capitão-tenente Francisco Rabello da Gama, que do Rio de Janeiro sahira comboiando dois brulotes—a charrúa *Luíza* e a escuna *Catharina*—e começou a pôr em execução o plano que traçára.

Trocou a artilharia de 18, de sua náu, pela de 24 da *Ipiranga*, abriu naquelle navio mais quatro portinholas por banda para caronadas de 32, guarneceu-o com officiaes e novecentas praças tiradas dos outros navios, tomou todas as providencias para que nada faltasse á força que ficava no Morro, ponto que escolhera para sua base de operações, e sabendo que Felix de Campos se recolhera ao fundeadoiro sahio com a *Maria da Gloria* a cruzar em frente á cidade, aprisionando logo nos primeiros dias diversos navios carregados de mantimentos e que, vindos do Maranhão, Buenos Ayres, Cabo Verde e S. Matheus, pretendião entrar no porto.

No dia 22 regressou de novo ao Morro para activar a promptificação dos brulotes com que pretendia atacar a divisão lusitana, do mesmo modo porque o fizera annos antes, em Aix e em Calháu. Ordenou ao capitão de mar e guerra Tristão Pio dos Santos que fosse tomar o commando da flotilha de lanchas até então ás ordens de João das Botas, e combinando a data em que pretendia atacar pelo lado da barra deu-lhe instrucções para que ao mesmo tempo, pelo de Itaparica, tentasse levar até o inimigo os dois brulotes já mencionados e a escuna *Real* tambem para esse fim preparada.

Para que nada fizesse abortar tão bem elaborado plano quiz reconhecer previamente a ordem em que estava fundeado seu adversario e no dia 12 de Junho, acompanhado pela *Carolina* que da corte havia chegado, sob o mandô do capitão de fragata Thompson, suspendêo, foi encontrar a E. de Itapuan a *Maria da Gloria* que ficara no cruzeiro e ás dez horas da noute fez prôa para a cidade.

(1) Lord Cochrane—C. nde de Dundonald—*Narrativa de serviços ao libertar-se o Brasil da dominação portugueza.*

Estava a esquadra lusitana fundeada em duas linhas, vasava a maré e o vento era bonança, quando os tres navios brasileiros com as guarnições a postos, cada homem armado com pistola, sabre e machado de abordagem, se dirigirão cuidadosamente para o porto, dispostos a, se fosse possivel, tomar por abordagem a fragata *Constituição*, cuja officialidade se sabia estar em um baile em terra Até bem perto do inimigo tudo promettia o mais feliz exito. A escuridão da noute e a pouca vigilancia consintirão que, sem serem presentidos, navegassem os navios de Cochrane até o alcance de tiro de pistola da náu *D. João Sexto*; n'essa occasião porem, o vento escasseou até acalmar de todo, e impellidos pela correnteza do refluxo forão obrigados a abandonar a empresa.

Vejamos, entretanto, o que passava na capital da Bahia e no exercito que a sitiava.

Embora as diversas escaramuças hayidas até então, não tivessem conferido vantagem a qualquer dos contendores, a chegada do almirante Cochrane viera tornar ainda mais precaria a sorte dos sitiados. O desanimo que lavrava entre os negociantes contaminava já o exercito e a armada, a confiança diminuia á proporção que os generos e o dinheiro escasseavão, e comprehendendo que não recuaria o Imperador ante qualquer sacrificio necessario para libertar o Brasil do ultimo soldado da metropole, antevião todos, agora que o bloqueio impedia qualquer communicação com o exterior, os horrores da fome precedendo uma capitulação inevitavel.

Já em principios de Maio tinha-se reconhecido que todo o alimento existente no mercado apenas poderia chegar para quarenta ou quarenta e cinco dias. Tinha-se mandado sahir da cidade todas as mulheres e creanças em numero superior a nove mil, mas essa extrema medida só havia, quando muito, addiado a calamidade.

Accresção a estas circumstancias outras de ordem não menos elevada. O commandante da praça e o chefe da esquadra não mais se entendião sobre os meios de defesa a adoptar e negavão-se mutuamente os auxilios de que carecião. Originara-se a desharmonia pelo facto de pretender o general Madeira assumir o commando de todas as forças de mar e terra e ter recusado Felix de Campos submeter-se á sua autoridade, por isso que as instrucções que recebera de Portugal lhe investião de funcções especiaes. Ancioso por entregar o commando da força naval a pessoa que lhe fosse mais devotada e em cujo valor podesse depositar maior confiança, chegara Madeira a ordenar ao chefe de divisão que se retirasse para a Europa, mas a guarnição dos navios se revoltára ao saber dessa noticia, e forçoso foi áquelle, para evitar mal ainda maior, deixar que Felix de Campos empregasse a força sob suas ordens conforme lhe parecesse.

No exercito brasileiro não era menor a desharmonia entre o chefe e os officiaes.

Dotado de um genio rancoroso, arrogante por demais para com todos aquelles que servião sob suas ordens, e influenciado por seu secretario o Dr. José Maria Cmbussi do Valle, chamára o general Labatut sobre si, não só o odio da officialidade de seu exercito como o de todos os patriotas, inclusive os membros da junta da Cachoeira. Pela imprensa se lhe atirava todos dias os maiores insultos e um periodico, — *O Independente Constitucional* (1) — orgão de seus inimigos pessoaes, tomára a si a tarefa de impopularisal-o cada vez mais, inspirando aos officiaes e soldados—diz o Sr. conselheiro Pereira da Silva—ciumes e despeitos e excitando o animo de seus proprios subordinados.

(1) Não podemos vêr esse periodico, que não existe nas bibliothecas da cõrte.

Conhecendo perfeitamente o que se passava, tinha até então apparentado o general Labatut a mais perfeita ignorancia, e consentido tacitamente que tomassem vulto as animosidades; no dia 19 de Maio, porem, recebendo uma carta anonima em que se lhe avisava que o coronel Felisberto Caldeira Gomes, commandante da brigada da esquerda, tencionava sublevar a força de seu commando e aprisional-o, mandou prendel-o no forte de S. Lourenço, sem lembrar-se que era já tarde para sanar o mal e que tal medida longe de acalmar os animos havia de irrital-os.

Ao saber desse facto a brigada inteira se revolucionou, e emquanto os officiaes da força da direita e da do centro, reunidos em conselho, officiavão ao general Labatut pedindo-lhe que afastasse de sua pessoa o Dr. Cambussi a quem se attribuia toda a desharmonia e a prisão de Caldeira Gomes, esquecida de que estava em frente do inimigo e que nada pode justificar a revolta de uma força armada contra seus chefes legitimos, aprisionou o commandante do exercito e officiou á junta governativa narrando o occorrido e pedindo que nomeasse um substituto ao preso.

Recahio então no coronel José Joaquim de Lima e Silva o commando de toda a força e seu primeiro cuidado foi mandar soltar o coronel Caldeira, que tinha sido removido para Itaparica. Tres officiaes se dirigem para aquelle ponto levando a ordem de soltura, e no dia 23, embarcados no lanchão *Villa de S. Francisco* do commando do piloto Fortunato Alvares de Souza, escoltados pelos barcos *Vinte e Cinco de Junho* e *D. Januariaria* de que erão commandantes o já então primeiro tenente João das Botas e Felipe Alves dos Santos, fazem-se de véla para o continente.

Logo que desaferrárão do porto, começárão a ser perseguidos por sete navios portuguezes e só lograrão salvar-se depois de trez horas de fogo, por ter a *Januariaria* desarvorado

um de seus adversarios e terem os outros preferido abandonar a lucta.

Já reinava, entretanto, o panico na força dos sitiados. A noticia de estarem quasi promptos os brulotes, e a convicção de que não seria difficil a Cochrane penetrar outra vez até o ancoradouro da cidade, tinham feito com que pensasse seriamente o general Madeira em abandonar a provincia e ir reunir-se aos portuguezes no Maranhão ou ao brigadeiro D. Alvaro da Costa que, como veremos, se achava em Montevidéo em lucta com Lecor.

No dia 20 de Junho reunio em conselho os officiaes mais graduados do exercito e armada e pedio-lhes que lhe declarassem :

1º Se nos apuros em que se achava havia algumas operações de mar e terra que podessem ser emprehendidas e das quaes resultasse a restituição da provincia ao estado em que se achava antes de revolcionar-se ou, ao menos, se podesse por meio dellas obter mantimentos e meios para conservar a cidade sem compromettimento dos interesses nacionaes.

2º. O que fazer no caso de não se poderem realizar taes operações, se chegasse á ultima extremidade.

3º. Se a impossibilidade de operar vantajosamente e o estado de apuro em que se achava a guarnição erão motivos para evacuar a cidade.

4º. Se no caso de ter que evacua-a devia a esquadra não sahir, para assim mais efficaçmente auxiliar o preparativo dos transportes e proteger a tropa na defesa interior da capital,

Trinta dos presentes opinarão pela retirada e só quatro persistirão na ideia de continuar a resistencia, levando ás linhas inimigas um ataque decisivo. Mandou pois o general Madeira embarcar o que podia em oitenta navios mer-

eantes e no dia 2 de Julho abandonou definitivamente o porto acompanhado por toda a esquadra luzitana.

Não tinha essa resolução passado despercebida pelo almirante brasileiro. Dispondo dentro dos muros da cidade de pátrias com quem mantinha secreta correspondencia, fôra avisado dias antes e ordenára a uma parte da sua força que recebesse mantimentos para trez mezes e estivesse prompta a sahir logo que fosse chamada.

A's 2 horas da tarde appareceu em frente ao Morro fazendo o signal convencionado e as 4 da manhã, já reunido ás fragatas *Carolina*, *Nictheroy* e *Maria da Gloria*, brigues *Bahia* e *Rio da Prata* e escuna *Carlota*, começou a perseguir os portuguezes, cujo comboi atacava de noute, fazendo consideraveis presas a que cortava os mastros e inutilisava a aguada, para que regressassem ao porto donde havião sahido.

Na manhã de 3 para 4 escapou por sua vez de ser apri-sionado. Estava o tempo de grandes aguaceiros e não tinham podido as duas forças conservar a formatura. Em bordos desencontrados havião permanecido toda a noute luctando com o rijo vento, quando, ao clarear, reconheceu o almirante brasileiro que se achava isolado entre a terra e a esquadra de Felix de Campos. Os outros vasos, tendo-o perdido de vista durante a noute, havião virado ao bordo sul. Perseguido de perto e reconhecendo a impossibilidade de victoria em lucta tão desigual, preparava-se já para encalhar seu navio e incendial-o, quando deixarão que se escapasse sem avaria alguma.

Continuou a viagem com as mesmas peripecias até os 4^o de latitude Norte, e n'esse ponto, tendo sabido por uma presa que uma parte do comboi se dirigia para o Maranhão, para ahi fez prôa tambem, depois de ordenar que regressasse a Bahia toda a força restante de sua esquadra,

com excepção apenas da fragata *Nictheroy* a quem incumbio de acompanhar os vasos portuguezes até a Europa.

E' essa uma das paginas mais brilhantes da vida de Taylor e de sua valente guarnição na qual se achava Luiz Barroso Pereira que depois tanto se immortalisou na guerra da Cisplatina como commandante da fragata *Imperatriç*.

Apesar de não estar preparada para tão longa viagem e dos temporaes que teve de supportar, um dos quaes o obrigou a picar o mastro da gata (1), não perdeu de vista a *Nictheroy* um só instante a força lusitana até a embocadura do Tejo, correndo os maiores perigos.

Em seu regresso, estando já sem mantimentos teve que arribar aos Açores onde se deu por um navio inglez vindo das Indias. Requisitou e recebeu da auctoridade portuguesa tudo quanto necessitava e levou seu arrojo ao ponto de offerecer ao governador, como prova de sua gratidão, um jantar no dia da partida. Ao sahir de bordo essa autoridade, já largo panno e a ancora suspensa, firmou Taylor a bandeira brasileira com uma salva de vinte e um tiros e fez-se ao rumo do Rio de Janeiro.

(1) *Diário do Governo*—1823.

VII

A noticia da proclamação da independencia havia sido recebida no Maranhão com verdadeiro jubilo, e embora a junta governativa tivesse feito os maiores esforços para conter a provincia fiel ao juramento prestado a D. João VI, não poudo evitar que desde logo—diz Vieira da Silva—(1) na capital, nas villas, e nos povoados do interior um rumor incerto, uma ideia vaga de liberdade e de regeneração percorresse todos os circulos e agitasse todas as classes.

Toda a imprensa e principalmente della o *Conciliador*, de que erão redactores o padre José Antonio da Cruz Ferreira Tezinho e o official maior da secretaria do governo Antonio Marques da Costa Soares, esforçava-se em auxiliar o governo, excitando os animos contra a nobre aspiração, mas apesar de tudo crescia cada dia o partido independente e creava forças, á proporção que sabia do bom exito que alcançavão os brazileiros na Parahyba.

(1) Luiz Antonio Vieira da Silva—*Historia da Independencia da Provincia do Maranhão*.

Contando apenas com um batalhão de artilharia reduzido a sessenta praças e um regimento de infantaria espalhado por todo o interior, sem força naval mais do que o brigue *D. Miguel*, commandado pelo capitão tenente Francisco Salema Freire Garção, comprehendia a junta do governo que bem pouco teria de lutar se os independentes chegassem a se apresentar abertamente em campo. Quasi todo o solo americano, até os limites meridionaes da provincia, fraternisára já com S. Paulo e Minas; no Ceará e no Piauhy ganhavão terreno os brazileiros, e embora esperasse o governo do Maranhão os auxilios de tropa e de dinheiro que pedira a metropole, os acontecimentos n'esse ponto succedião-se com tão pasmosa rapidez que estaria sem duvida consummada a união á côrte antes da chegada delles, se não se tomassam medidas severas para conter os mais exaltados partidarios do Imperador.

Com esse intuito fez a propria junta espalhar o boato de uma proxima revolução, e no dia 5 de Abril, reunida em sessão permanente que durou até as 3 horas da tarde do dia seguinte, tendo ouvido o depoimento de um homem do povo, e acquiescendo aos desejos da soldadesca que invadira a sala, fez prender ás 2 horas da madrugada, alem de outros, o brigadeiro inspector das tropas Manoel José Xavier Palmeirim, os generaes Paulo José da Silva Gama e Manoel Antonio Falcão, o commendador Honorio José Teixeira, o procurador da camara José de Medeiros, e o conego José Constantino Gomes de Castro, que forão enviados para a Europa como os principaes cabeças do sonhado motim.

Não bastou, entretanto, esse revez soffrido pelo partido na capital para desanimar o interior da provincia. Coincidindo a noticia com a da aproximação das forças do capitão-mór do Aracaty José Pereira Filgueiras que obrigou Fidié a recuar com os portuguezes até Caxias, não poude sortir o desejado effeito.

A 10 de Junho os independentes de Jacú pozerão-se em campo e atacam Itapicuru-Mirim defendido pelo tenente coronel Ricardo José Coelho. Durante doze horas consecutivas lutarão os dois partidos, e ao escurecer, não tendo obtido vantagem alguma, decidirão-se os brasileiros a fazer render o ponto pelo sitio. A 19, José Felix Pereira de Burgos, que commandava uma parte da tropa sitiada, passa-se para os independentes e rende-se a villa sem disparar um só tiro.

A noticia dessa capitulação veio augmentar ainda o terror de que se achava possuida a junta, que tratou immediatamente de pôr a capital em estado de defeza. Mandou artilhar oito lanchas, obrigou por um edital os navios mercantes surtos no porto a dar gente para guarnecel-as e entregando o commando d'ellas ao capitão-tenente Jeronymo Antonio Pussich, mandou postar duas no Maruy, duas em Itapicuru, uma em S. José, uma no Arrajal, uma na Estiva e uma volante com ordem de visitar todas as embarcações que passassem, inspecionar attentamente os movimentos dos independentes e obstar por todos os modos que se communicassem elles com a capital ou com os districtos de Alcantara e Guimarães, unicos pontos que ainda continuavão submettidos ao governo da junta.

Ainda bem não tinhao terminado esses preparativos, recebia-se a noticia de contra-revolução portugueza iniciada pelo Principe D. Miguel. Assumira *D. João VI* a regia autoridade, até então exercida de facto pelas cortes, e a decidida sympathia que esse monarcha votava ao Brazil veio deixar a junta perplexa sobre o modo de proceder.

Temendo futuros compromettimentos, resolveu consultar a vontade do povo em uma camara geral que mandou convocar, mas o marechal Agostinho Antonio de Faria, commandante das armas, reúne a tropa, e quando os indepen-

dentes, confiados no convite, se dirigem para o paço municipal os recebe a tiro de bala.

As 8 horas da manhã do dia aprasado, apesar da resistencia e opposição de alguns de seus membros, começa a junta a deliberar sobre o que conviria fazer em semelhante circumstancia, antes porém de tomada qualquer resolução chegam ao porto a escuna de guerra *Emilia*, as galeras *Conde de Cavalheiros* e *Ventura Feliz*, o brigue *Nelson*, a escuna *Gloria* e as sumacas *Libertina* e *Caçadores* que se tinham separado da esquadra de Felix de Campos, e o reforço que trazião a fez mudar de opinião.

Mallograda assim a tentativa continuavão os dois partidos em campo, quando a 26 de Julho appareceu á barra a não *Pedro 1.*, e suppondo a junta que fosse a fragata *Perola*, que havia muito esperava da metropole mandou a seu encontro o brigue *D. Miguel*, do commando do capitão de fragata Garção.

Arvorára Lord Cochrane a bandeira portugueza no penol de seu navio, com intuito—segundo affirma—de fazer suppôr trazer soccorros ao governo, e enganado por esse ardid, só reconheceu Garção o engano, depois de ter feito entrega dos papeis que trazia, narrando as circumstancias em que se achavão os dois partidos e os planos em que ainda confiava a junta para recuperar a autoridade quasi de todo perdida.

De tudo inteirado, sciente da diminuta força em que se apoiava a facção lusitana, concebe Cochrane o plano de intimidar a junta com a noticia de approximação de imaginarias forças de mar e terra, e tendo posto em liberdade o *D. Miguel* dirigio ao commandante das armas o seguinte officio :

« Illm. e Exm. Sr. (1) — Náo *Pedro 1º*, em 26 de Julho de 1823. — As forças navaes e militares debaixo de meu commando não me deixão duvidar do bom exito da empreza em que vou empenhar-me para libertar do estrangeiro dominio a provincia do Maranhão, e deixar ao povo a escolha do governo, da mesma fórma que os habitantes de Portugal decidirão a respeito de sua constituição.

« Da fuga das forças navaes e militares-da Bahia já V. S. está informado. Tenho agora a noticiar-lhe a tomada de dois terços dos transportes e tropa com todos os petrechos e munições.

« Anciosamente desejo evitar o ter de deixar cahir desenfreadas sobre o Maranhão, as tropas imperiaes da Bahia exasperadas como estão pelos prejuizos e crueldades exercidos contra ellas e contra seus compatriotas, assim como pelo saqueio do povo e das igrejas da Bahia. Fica a V. Ex. decidir se convêm exasperar ainda mais os habitantes desta provincia com uma resistencia que me parece inutil e prejudicial ao mesmo tempo aos melhores interesses de Portugal e do Brazil.

« 'Inda que não seja costume entre as nações Europeas, receber ou respeitar bandeiras parlamentarias, vindo em embarcações armadas, todavia, como vimos aqui com objecto muito acima da apprehensão do brigue de guerra que acabamos de pôr em liberdade, respeitei a bandeira na esperanza de que tal moderação facilitará aquella harmonia que todos devem desejar exista entre o governo do real pai e do imperial filho : e procedendo assim, não faço mais que preencher as benignas intenções de S. M. Imperial.

« Esperando sua resposta tenho a honra de ser, etc. »

(1) Lord Cochrane. Conde de Dundonald. — *Narrativa de serviços ao libertar-se o Brazil da dominação portugueza.*

Este plano sortiu o desejado effeito. No dia seguinte a junta acompanhada pelo bispo veio a bordo do *Pedro 1º* e estipuladas as bases para a entrega, foi no dia 28 jurada e proclamada a independencia na capital da provincia sob as seguintes condições :

1.º Por parte do almirante Cochrane serião envidados todos os esforços para proteger as pessoas e propriedades do Maranhão, excepção feita d'aquellas propriedades, que se provando pertencerem á inimigo, ficarião sujeitas aos tribunaes e fazer com que todas as pessoas que desejassem ausentar-se podessem fazel-o.

2.º Ficaria o commandante das armas em liberdade de seguir para qualquer ponto ou permanecer no Maranhão.

3.º Os officiaes commandantes, officiaes superiores e soldados portuguezes ficarião livres de retirar-se para seu paiz natal ou para qualquer outra parte e embarcarião com bandeiras, armas e honras militares (1).

Com a independencia do Maranhão ficarão em poder do Lord almirante o brigue *D. Miguel* que tomou o nome da provincia, a escuna *Emilia*, e os oito vasos que commandava Pussich.

Depois de embarcada para a Europa a força lusitana, fez seguir o almirante Cochrane para o Pará o brigue *Maranhão* commandado pelo capitão tenente João Pascoe Greenfell, levando as instrucções de que fallaremos no capitulo seguinte, e permaneceu durante algum tempo ainda na provincia, retido pelo fabuloso lucro do que chamava—presas de guerra—.

(1) Carta dirigida pelo almirante ao commandante das armas em 27 de Julho.

VII

De todas as provincias do Brazil a primeira em que se manifestou a idéa de independencia foi, sem duvida, a do Pará.

Pouco depois da noticia da revolução de 1820 em Portugal, um grupo de descontentes, adverso ao governo, começou a predispor os animos contra a metropole, e a alliciar adeptos por meio de proclamações, em que, alem de outras medidas liberaes, se promettia a emancipação da escravatura ; mas, conservára-se na propaganda calma sem se animar a hostilidades em que aliás seriam favorecidos pela inimidade existente entre a junta do governo e o commandante das armas José Maria de Moura

Ja a idéia tinha pois germinado, e contava decidido apoio quando se soube no Pará que as Provincias do sul tinham rompido os laços, que as prendia a Portugal, mas só então se decidirão os chefes independentes a lutar.

A 13 de Abril de 1823, reunidos em casa de um italiano de nome Balbi, que para o Brazil viéra em 1815 e se casára no Pará, resolverão dar o primeiro golpe no dia seguinte.

O alferes Antonio de Loureiro Barreto marcharia com 100 homens do 2º regimento de infantaria, e alguns de cavalaria, a tomar o quartel de Santo Antonio. Si fosse bem succedido daria aviso por meio de dois foguetes e então o resto da cavalaria reunir-se-hia ao 2º Regimento, ambos ao 3º, e assim incorporados seguirião a pos tar se nas ruas que davão entrada para o Largo.

Na madrugada do dia seguinte foi o quartel occupado pela primeira força, mas quando se effectuou a junção dos dois regimentos um official arengou á tropa em favor de D João 6º, e paralisou o movimento de que resultou a prisão de 271 pessôas.

Igual resultado teve outra tentativa feita a 28 de Maio, em uma villa do interior.

Velejava, entretanto, para o Pará o brigue « Maranhão, » cujo commandante recebera de Cochrane as seguintes instrucções (1)

« As ordens inclusas que vão em Portuguez, poderá V. S. mostrar. Vão como se lhe houvessem sido dadas á embocadura do Rio Pará, e ali datadas á bordo desta náu que lá se suppõe ancorada, porque é essencial o fazer crêr ao governo do Pará que V. S. não vem só, mas que existe á mão a esquadra prompta a cooperar. Porá V. S. nas ordens em portuguez a data do dia em que chegar á embocadura do Rio Pará. Porá tambem a mesma data nas cartas officiaes á junta sem attenção á demora que possa haver em subir o rio.

(1) Lord. Cochrane. (Conle de Dundonald.) *Narratiza de serviços ao libertar-se o Brasil da dominação portuguesa.*

« V. S. perceberá que as minhas intenções são effectuar por meio de sua pessoa objectos para que, de outro modo, seria preciso uma expedição, e são portanto necessarios a maior prudencia e circunspecção. Se V. S. conseguir, depois do resgate do Pará, tomar posse da fragata, e se achar falto de gente, poderá deixar o brigue para tripolar a fragata.

« Tudo espero de seus esforços e bôa direcção para effectuar a entrega do Pará com todo o importante á S. Magestade Brasileira. »

No dia 10 de Agosto chegou o capitão tenente Greenfell ao Pará e tão bem soube desenvolver o plano do almirante que apesar da resistencia do commandante das armas, a junta do governo reunida no mesmo dia as 8 horas da noite reconheceu a independencia sob as mesmas condições estabelecidas no Maranhão.

No dia 15 a bandeira do Brazil tremulava nas fortalezas e edificios publicos da Capital.

O ardil empregado pelo commandante Greenfell teve, entretanto, seu contratempo. Logo que a facção portugueza reconheceu que tinha sido enganada voltou seus rancores contra o commandante do brigue e no dia 21 á noute, quando esse official se dirigia para bordo, foi ferido traiçoeiramente por um marinheiro do brigue mercante *General Noronha* que ao Pará tinha chegado no dia 17. (1)

Este acto foi motivo para a mais feróz vingança. Acclamado o Imperador no dia 12 de Outubro teve lugar a 15 grande desordem. Sob o pretexto de pedir a demissão de diversos officiaes adversos á causa da independencia entregou-se a soldadesca a desenfreada anarchia, que durou até o dia seguinte em que, tendo o capitão tenente Greenfell

(1) Domingos Antonio Raiol. «*Motins políticos ou historia dos principaes acontecimentos políticos do Pará.*»

feito desembarcar sua gente, prendeu indistinctamente a quantos encontrou.

No dia 17, formado no largo do Palacio o parque de artilharia, e em presença do resto da tropa desarmada, mandou o capitão tenente Greenfell fuzilar, sem processo nem formalidade alguma, dois sargentos, dois soldados e o porteiro do arsenal de marinha Custodio, escapando de igual sorte o conego Baptista Campos por instancias dos membros da junta, apesar de já amarrado á bôcca de um canhão ! (1)

Depois desta scena de barbaridade forão os presos restantes, em numero de 256, á pedido da junta, removidos para um pontão *Diligente*, que depois se denominou *Pallhaço*, e onde escreveu-se uma das paginas mais tristes da historia da provincia do Pará.

« N'esse navio—diz Oliveira Machado, em seu *Juízo sobre a Corographia Paranaense*—amontoados em um espaço que media 30 palmos de comprido por 20 de largo e 12 de alto, forão os infelizes presos instantaneamente accommettidos de violentas dôres de cabeça e suór copioso, sobrevivendo-lhes uma sêde insupportavel, e afinal grandes dôres de peito. Bradárão diversas vezes por agua para saciar a sêde que os devorava, e a agua do rio salgada e turva lhes foi lançada em uma grande tina que havia no porão ; á ella se arrojárão tumultuariamente bebendo-a com as mãos, com os chapeos e de bruços, procurando cada um ser o primeiro neste mister, amontoando-se com violencia uns sobre os outros, e tudo na maior soffreguidão e desordem. Alguns cahirão sem sentidos, logo depois de beberem a agua, e á outros exacerbarão-se as dôres, os lamentos, os gritos e as vociferações.

(1) Domingos Raiol. « *Motins politicos do Pará.* » 1ª parte. Pag. 79-80 e nota.

« Diversos forão os meios á que recorrerão para mitigar o estado em que se abrasavão, depois que certificaram-se, que nada havia, que podesse mover aos seus ferozes guardas, estando elles decididos a vêl-os morrer. Puzerão-se nús ; agitarão o ar com os chapéus e roupas ; lançarão-se á tina d'agua ; atirarão-se ao costado do navio no intento de achar alguma humidade, e no meio desta violenta desordem e frenesi, muitos cahirão desfallecidos e inanidos de forças, e alguns delles acabarão espesinhados e comprimidos pelos seus companheiros de infortunio. Acabando-se a agua da tina que logo se tornou immunda, pedirão nova ; deu-se-lhes ; porem armando-se uma furiosa contenda sobre quem primeiro beberia, os mais fracos forão derribados e succumbirão pouco depois. A agua ainda não pode matar a sêde dos que a poderão beber ; devorava-os uma febre ardente, que crescia com espantosa rapidez. Após ella seguiu-se um violento frenesi, succedido logo por accessos de raiva e furôr, que os levou a lançarem-se uns contra os outros, e darem-se reciprocamente punhadas e a se dilacerarem com as unhas e com os dentes, entre gritos, ameaças e horriveis vociferações.

« A barbara guarnição do navio, que presenciava tudo isto, e que com um sorriso infernal comprazia se de vêr aquella horrorosa scena de desesperação e furor, dirigio alguns tiros de fuzil para o porão e derramou dentro uma grande porção de cal, cerrando-se logo a escotilha e ficando o porão hermeticamente fechado, a pretexto de que por este meio atróz se aplacaria o motim, e os presos ficarião socogados. Por espaço de duas horas ainda se ouviu um rumor surdo e agonisante, que se foi extinguindo aos poucos, e as tres horas de encerramento completo, que foi ao escurecer, reinou no porão o silencio dos tumulos. » (1)

(1) Transcripto por Domingos Raiol na obra já citada.

No dia seguinte ao correrem-se as escotilhas, as 7 horas da manhã, 252 cadáveres attestavão a independencia do Pará e 4 presos sobrevivião—tres para morrerem logo depois, e um só para narrar a seus cótemporaneos a scena que vira representada em nome da liberdade !

Era commandante do pontão o 2º tenente Joaquim Lucio de Araujo.

A noticia desta catastrophe echoou terrivel no sertão. A villa de Cameté se revolucionou immediatamente contra o governo que permittia tanta atrocidade e Oeiras, Portel, Melgaço, Conde, Beja, Muaná, Abaeté e Igarapé-mirim acompanharão-n'a.

Fez-se partir da capital a escuna *Andorinha* e a barca N.º 2, cada uma de 5 canhões, ao mando do 2º tenente Victor Santiago Subrá para chamar á ordem os revoltosos, mas longe de empregar meios brandos como convinha, procedeu essa expedição de modo a augmentar os odios. Mal dirigida, começou disparando indiscretamente tiros de bala e metralha, sem que houvesse resistencia—diz um officio da junta de 4 de Maio do mesmo anno (1)—e teve a imprudencia de mandar atacar uma partida de 500 homens por vinte e dois, dos quaes sete morrerão aos primeiros tiros e o resto encontrou a salvação na fuga.

Preparava-se, entretanto, Greenfell para deixar o Pará e posto lhe tivesse a junta representado sobre a inconveniencia de desfalcar a capital com os dois vasos de mais importancia (a fragata que depois se denominou *Imperatriç* e o brigue *Maranhão*) e lhe ordenasse em nome do Imperador, permanecesse no porto, fez-se de véla no dia 3 de Maio, deixando o governo da provincia sem recursos para debellar a revolução, que só mais tarde devia terminar,

(1) Vide a nota no fim do volume.

VIII

Dissemos em um dos capitulos anteriores que de todo o sul do novo Imperio apenas na Cisplatina se manifestara opposição á independencia. Vejamos agora o que ali se passava.

Desde 1816 que Montevidéo se achava de facto incorporado ao reino de Portugal, Brasil e Algarves, e desligado das outras colonias espanhólas com que se tinha emancipado da metropole Não estava, é verdade, sanccionada publicamente semelhante annexação, mas occupada pelos Voluntarios d'El-Rei ao mando de Carlos Frederico Lecór—depois Barão da Laguna—desde essa epocha não constituia mais do que uma provincia ou capitania do Reino Unido.

Segundo as instrucções dadas ao citado general (1) consentira D. João VI que alem do capitão-mór, cargo exercido por Lecór, fosse ella regida por um cabido de eleição popular, mas essa eleição mesmo estava sujeita a sanção portugueza. Suas rendas erão fiscalisadas e arrecadadas pela força de occupação, e na destribuição da justiça, posto conservasse as camaras de appellação anteriormente estabele-

(1) Instrucções de 4 de Junho de 1816. *Documentos para la historia de la vida publica del libertador de Colombia, Peru y Bolivia.*

cidas, não podia executar sentença sem o—*cumpra-se*—do capitão-mór em certos casos, e do proprio D. João VI em ultima instancia.

Havia cinco annos que durava esse estado de cousas quando a partida do Monarcha lusitano para a Europa veio tornar necessaria uma politica mais franca. Temia-se D. João VI do governo hespanhol, que até então não tinha perdido a esperança de subjugar de novo suas antigas colonias, e esse temor era partilhado por todos os seus ministros.

Logo que difinitivamente se resolvêo a viagem, propôz Silvestre Pinheiro Ferreira em conselho de ministros, (1) que se decidisse qual a cathegoria em que devia permanecer a Banda Oriental, como então era chamado Montevidéo. Abundou em razões para demonstrar os apertos em que teria de vêr-se D. João se chegasse á Europa antes de ter tomado um partido decisivo sobre aquelle paiz, as desagradaveis negociações em que teria de entrar com o governo de Hespanha, então entregue ao *impectuoso* partido democratico, e terminou propondo, que se fizesse reunir nos povos d'aquella provincia assembléas eleitoraes, cujos deputados, sem constrangimento, deliberassem e decidissem sobre sua futura sorte.

Acceita unanimemente semelhante proposta, derão-se os necessarios avisos ao general Lecór, e se mandou proceder ás eleições marcando-se o dia 15 de Julho para a primeira reunião dos deputados.

Não era problematico, entretanto, o resultado de tal medida. Ainda mesmo admittindo que a vontade do povo se podesse externar independente da influencia portuguesa, a incorporação a Portugal era inevitavel. Ardia Montevidéo por tornar-se independente e livre, mas sem recursos, can-

(1) Silvestre Pinheiro—*Carta XVIII, Annaes da Bibliotheca Nacional*, Vol. 2º. Pg. 301.

çado de uma lucta civil que durara annos, precisava de um protector que lhe assegurasse a paz e a prosperidade.

Inclinavão-o as sympathias para as outras provincias do antigo Vice-reinado do Prata mas dessas, umas por demais fracas não podião prestar o necessario apoio, outras em guerra acarretarião novos e mais terriveis males. (1)

Assim, a 18 de Junho de 1821 foi decidida a incorporação e a 31 do mesmo mez assignada a convenção em que se estipulava uma forma de governo inteiramente especial.

Desde esse anno até o seguinte gosou a nova provincia do Reino Unido da mais completa tranquillidade. Prosperava o commercio e a industria e gosavão seus cidadãos de inteira liberdade, quando a noticia da independencia do Brasil, veio dividir a força armada.

Compunha-se então a tropa de occupação, de dois batalhões de caçadores, dois regimentos de cavalaria, e um de artilharia, derigida por um Conselho Militar de que era Presidente o Barão da Laguna, Vice-Presidente o brigadeiro D. Alvaro da Costa de Sousa e Macedo, e vogaes os commandantes dos corpos. Recebera esse conselho a noticia do acontecimento de 7 de Setembro e um decreto de D. Pedro mandando dar baixa a todos os soldados que a desejassem, e desde logo a cavalaria declarou manter os direitos da metropole vendo-se obrigado o Barão de Laguna a abandonar a Capital e ir acampar em Canelones com os dois batalhões de caçadores. (2)

Esperavão os insurgentes ao mando de D. Alvaro encontrar immediatamente apoio na população da provincia, tardando, porém, ella a manifestar-se, temerosos da lucta declararão a 8 de Outubro, se acharem promptos a embarcar

(1) Discurso pronuncia lo pelo Deputado Llambi na sessão do Congresso Oriental em 18 de Julho de 1821.

(2) O batalhão de artilharia estava distante 40 leguas.

para a Europa, aproveitando-se alguns da faculdade que se lhes concedia de continuar ao serviço do Brasil.

Sabido isso, partirão immediatamente do Rio de Janeiro as Fragatas *União* sob o commando do capitão de mar e guerra David Jewet e *Carolina* commandada por Manoel Gonçalves Luiz da Cunha, bem como a corveta *Liberal* ao mando do capitão tenente Antonio Salema Garção precedendo 5 navios mercantes destinados ao transporte ; mas chegou essa força quando já a soldadesca havia mudado de opinião.

Reebera-se em Montevidéo a noticia do castigo inflingido na côrte aos soldados portuguezes, que, tendo vindo com Francisco Maximiano, voluntariamente havião permanecido no Rio, e esse factio decidio os revoltosos a resistencia.

Pouco acostumados a alimentação do soldado brasileiro, havião começado esses 900 homens reclamando pão, carne fresca, e vinho, em lugar da farinha, carne salgada, e aguardente que se lhes dava, e tendo sido publicada uma portaria do governo ordenando que os Portuguezes que, não adherindo a independencia do Imperio, desejassem voltar para a Europa, fossem dar seu nome ao intendente de policia, cento e tantos desses soldados assim o fizerão.

Esse acto foi encarado como insubordinação, e no dia 30 de Setembro, no campo d'Acclamação, formada a tropa em quadrado e na presença do ministerio, forão todos os que desejavão o regresso a patria castigados com 50 chibatadas.

Durante esse castigo,—diz o Sr. Dr. Mello Moraes em sua obra *A Independencia do Brasil*—um delles, com as costas todas retalhadas e escorrendo sangue, pegou na farda arrancou a legenda *Independencia ou morte* e pisou-a aos pés.

Officiára nesse interim D. Alvaro ao general Madeira pedindo dinheiro para occorrer ao pagamento da guarnição, e um vaso de guerra para coadjuvar a *Thetis* e algumas

outras embarcações pequenas que, ao mando do vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, se achavão no porto e com que contava, e tudo tendo obtido preparara-se como já dissemos para resistir.

Quer fosse por não ter até então Ferreira Lobo externado sua opinião, quer por outro qualquer motivo, contava o brigadeiro D. Alvaro com o apoio desse general e lhe foi terrível desengano o vê-lo manifestar-se em prôl do novo imperio, abandonando a causa de Portugal a que por tanto tempo havia servido, e que lhe devia bem sérios desgostos.

Logo depois de ancorada a divisão de Jewet, Rodrigo Lobo em pessoa foi receber as ordens que lhe enviava o Imperador, e posto até então com domicilio na cidade occupada pelos insurgentes lusitanos, não mais se animou a pisar em terra. Conservou-se a bordo da fragata *Thetis* até que do Rio chegarão os cinco transportes, e fazendo-os ir estacionar em Maldonado, sob a guarda da escuna *Maria Thereza*, commandada pelo capitão tenente Francisco de Assis Cabral, dirigio-se para a Colonia do Sacramento, onde sabia já ter sido acclamado D. Pedro.

Regressou a divisão commandada pelo capitão de mar e guerra Jewet ao porto do Rio de Janeiro no dia 12 de Janeiro de 1823 (1) trazendo a noticia da resistencia de D. Alvaro, e a 3 do mez seguinte foi nomeado para render o almirante Lobo o capitão de mar e guerra graduado Pedro Antonio Nunes, para sob cujas ordens a 19 de Fevereiro seguirão o brigue *Real Pedro* e a escuna *Cossaca*, commandadas pelos 2^{os} tenentes José Guilherme Rodrigues de Souza e Jacintho Alves Branco Muniz Barreto; a 12 de Agosto o brigue *Cacique* do commando do capitão tenente Antonio Joaquim do Couto; a 14 a corveta *Liberal* ao mando de Antonio Salema Garção, e a 16 as escunas *Leo-*

(1) Esta divisão foi a primeira que navegou com bandeira brasileira.

poldina e *6 de Ferereiro* commandadas pelo 1º tenente Francisco Bibiano de Castro, e 2º tenente Francisco de Paula Osorio e brigue *Guarany* de que era commandante o 1º tenente James Nicoll.

O estado vacillante em que permanecêra a officialidade d'armada em quanto sob as ordens do almirante Rodrigo Lobo, começou, então, a desaparecer. Os menos sympathicos a causa do novo imperio forão a pouco e pouco atrahidos pelos enthusiasts da liberdade por meio de proclamações (1) em que se patenteando o reprovado proceder das côrtes portuguezas, se exhortava a seguir o exemplo do Rio de Janeiro, e todos os navios, excepção feita da escuna *Maria Thereza* que se sublevara em uma viagem de Maldonado para a colonia, prendêra seu commandante e se tinha ido apresentar a D. Alvaro, se achavão promptos a concorrer para a consolidação do novo throno.

Entretanto não se descuidára o brigadeiro luzitano. Fizera armar uma galera *Conde de Arcos* com 26 canhões, o brigue *Liguri* e corveta *General Lecor* com 16, e com esses vasos e a *Maria Thereza* intentou fazer levantar o bloqueio mantido pela força brazileira.

No dia 21 de Outubro, ao romper d'aurora, a divisão ao mando de Pedro Nunes, e então composta da corveta *Liberal*, brigues *Cacique*, *Real Pedro* e *Guarany*, e escunas *6 de Fevereiro* e *Leopoldina*, avistou os quatro navios portuguezes que sahião do porto, e largando as amarras sobre boia velejou em direcção ao largo, com intuito — segundo affirma o commandante — de ganhar barlavento (2) e afastar-se do porto onde podia ser hosti-

(1) Proclamação dos officiaes da marinha em Montevidéo. Vide a nota no fim do volume.

(2) Parte official do capitão de mar e guerra Pedro Antonio Nunes. Vide a nota no fim do volume.

lisado pelo fogo de terra. Seguido até sufficiente distancia virou por d'avante, e em bordos contrarios engajou a acção.

Ao primeiro tiro da *Liberal* respondeu nutrido fogo dos vasos lusitanos e em poucos minutos o fumo da polvora, não consentindo que se visse senão o adversario mais proximo, destruiu toda a formatura.

O brigue *Real Pedro* escolheu para adversario o *Conde de Arcos*, mas foi atacado, pouco depois por mais dois, o *General Lecór* por barlavento e o brigue *Liguri* pela alhêta de pôpa a sotavento, e sustentou só o combate com os trez.

Desarvorou a *Liberal* do mastro da gata cortado por uma bala, os cabos empacharão a manobra, e foi forçoso abandonar a lucta; a *6 de Fevereiro* ficou com o paiol de polvora inundado e calou seus canhões, mas restavão quatro vasos, e posto os mais pequenos continuarão o combate até ás 4 da tarde.

Petra de Bittencourt e o piloto Manoel Antonio no *Real Pedro*; Leão Machado e os voluntarios Roberto Sutel e José Ricardo Torquato no *Guarany*; Francisco Lobão na *Leopoldina*, escreverão mais uma pagina de gloria e mais alto elevarão a bandeira da patria já coberta de louros pelos serviços do Nórte.

As 4 da tarde virou o inimigo no bordo de terra com força de véla e ao pôr do sol entrou no porto, levando ás forças portuguezas a noticia da derrota soffrida.

No dia seguinte—diz o Diario do Governo de 26 de Novembro de 1823—tornarão os 4 navios a sahir, mas conservarão-se na bôcca do porto até ao pôr do sol, sem se animarem a aproximar-se da divisão brasileira, que se achava á vista e ao largo.

Desanimado com esses successos e mais ainda com a noticia da evacuação da Bahia, resolveu finalmente o brigadeiro D. Alvaro retirar-se para a Europa e assignada a convenção em 18 de Novembro do mesmo anno assim o fez em

diversos navios mercantes dos quaes, acossados por forte temporal, uns arribarão a Santa Catharina e outros ao Rio de Janeiro onde receberão o que precisavão e d'onde sahião para levar a Portugal a certeza que nem um soldado lusitano mais pisava o solo do Brasil.

IX

Livre o Brasil das forças portuguezas, parece devera ter terminado a lucta da independencia. Desde o Amazonas até o Prata não havia mais inimigo externo a combater, todas as provincias tinham finalmente adherido ao governo do Imperador, reconhecendo a emancipação politica, não só, porem, continuavão os animos exaltados pelos acontecimentos passados, como perduravão os odios entre os brasileiros e os portuguezes. O mesmo Imperador, por ter nascido alem do Atlantico, não escapava ás mais severas censuras e, embora pautasse seu proceder pelo mais extremado devotamento ao paiz que libertára, esforçando-se por dotal-o com leis sabiamente estudadas e que tendião todas a um engrandecimento futuro, não faltava quem procurasse descobrir em seus actos o desejo de unir de novo os dois paizes.

A dar credito aos escriptos da epoca, não fôra o primeiro Imperador senão o heróe obrigado pelos acontecimentos que não podera dominar. O procedimento impolitico das côrtes de Portugal levára o Brazil a uma separação inevitavel e constituindo-se D. Pedro o paladino da liberdade da

antiga colonia, fizera-se ao mesmo tempo o laço que devia ligar as duas corôas n'uma só cabeça, quando por morte de seu pai tivesse de subir ao solio Insitano de que era herdeiro.

Essa crença que tomára maior vulto logo depois que pela revolução do Principe D. Miguel, assumio D. João VI o poder absoluto, augmentou ainda com as tentativas feitas pelo governo de Portugal para entrar em negociações com o Brasil e devia ser a causa de nova lucta.

Convocara o Imperador a assembléa que tinha de confeccionar a constituição estabelecendo os direitos do povo e da corôa. De todas as provincias tinham vindo eleitos os cidadãos mais sinceros em suas crenças politicas e mais conhecidos pela illustração e criterio. Os Andrades e tantos outros esforçados campeões da independencia tinham tomado assento e trabalhavão desde 17 de Abril de 1823, discutindo com calma e prudencia o projecto elaborado por uma commissão.

Corrião as sessões na altura em que as tinha collocado a magnitude do assumpto, quando um factó trazido a seu conhecimento, produzindo mais acalorado debate, levou o governo a dissolvê-la.

Sem entrar na apreciação da necessidade desse acto, que por alguns tem sido encarado como anti-politico, vejamos as consequencias que acarretou principalmente no norte do Imperio, onde não estavam ainda de todo apagadas as dissensões.

A medida que a noticia da dissolução aportava as diversas provincias patente era a estupefacção dos povos e exageradas as apprehensões pela estabilidade do systema constitucional (1).

(1) Antonio Pereira Pinto—*Noticia historica sobre a Revolução Pernambucana de 1824*. Rev. do Inst. Hist. tomo 29.

A Bahia em 12 de Dezembro vio o povo amotinado e só as prudentes medidas tomadas pela junta provisoria deveu o restabelecimento da ordem; em Pernambuco, porem, coincidindo essa noticia com a da nomeação do Morgado do Cabo Francisco Paes Barreto para o cargo de Presidente, tomou o motim maiores proporções.

Acreditando tambem que planejava o Imperador a união a Portugal, encarou o povo Pernambucano a dissolução como um meio de afastar do governo os homens a quem devia o Imperio os mais assignalados serviços, e, embora no proprio decreto tivesse declarado o Imperador que apresentaria em breve uma outra constituição muito mais liberal do que a do projecto da camara, e tivesse convocado outra assembléa, isso não foi bastante para dissipar os infundados temores.

A 8 de Janeiro de 1824, reunido em assembléa, declarou o governo de Pernambuco não eleger outros deputados uma vez que os que tinham tomado assento na constituinte, não haviam terminado sua missão, e considerando o facto de ter o Morgado do Cabo renunciado espontaneamente o governo da provincia em 13 de Dezembro do anno anterior, sob pretexto da *eminencia que se lhe afigurava de uma guerra civil*, elegêo para substituil-o a Manoel de Carvalho Paes de Andrade, redigindo nessa occasião uma representação em que solicitava a sanção para esse acto, unico que julgavão capaz de acalmar os animos.

Apezar da politica seguida até então pelo Imperador, que não trepidava em reconsiderar qualquer acto seu comtanto que podesse attingir á completa pacificação de todo o imperio e ao congrassamento das provincias, logo que chegou ao Rio de Janeiro a noticia do que se passava em Pernambuco, fez seguir uma divisão composta das fragatas *Nietheroy* e *Ipuanga*, brigue *Bahia* e charrúa *Gentil Americana* sob o commando do capitão de mar e guerra Taylor, a quem se

deu instrucções para tornar effectiva a posse do presidente nomeado, e divisão que posteriormente foi augmentada com o brigue *Cacique* e escuna *Leopoldina* que, commandados pelo capitão tenente Francisco Bibiano de Castro e primeiro-tenente Rodrigo Theodoro de Freitas, sahirão do Rio de Janeiro a 25 de Abril e com o brigue *Guarany* do commando do primeiro-tenente James Nicols, que sahio dois dias depois.

Chegou essa força ao porto de seu destino quando já os acontecimentos tinham desenvolvido um aspecto mais ameaçador. Recebera o Morgado do Cabo a carta que o nomeava e recusando a camara dar-lhe posse até que fosse resolvida a representação que endereçara ao Imperador, originara-se um pequeno motim em que tomou parte a tropa de linha, e em que foi preso Manoel de Carvalho, logo depois solto por seus partidarios em armas.

Quasi todos os que tem se occupado deste acontecimento, são concordes em declarar que não era intenção do povo Pernambucano constituir-se em estado independente. Fazia questão da exoneração do Morgado do Cabo que nem gozava de sympathias na provincia, nem tinha a necessaria energia para o cargo, a primeira desobediencia porem, as ordens do governo não sendo succedidas por outras que em breve o terião de levar até onde não cogitara a principio.

Logo depois que chegou ao Recife procurou o capitão de mar e guerra Taylor, por meios brandos e persuasivos, chamar a ordem as autoridades rebeldes. Abrio correspondencia com Manoel de Carvalho e com o commandante das armas Barros Falcão, officiou á camara de Olinda e consentio que um conselho reunido a 7 de Abril decidisse se devia ou não empossar a Paes Barreto.

Assistio, como delegado da força maritima a esse conselho, o capitão-tenente Luiz Barroso Pereira, e embora tivesse empregado os maiores esforços, para fazer cumprir

o decreto imperial, apenas poudes obter que se nomeasse uma commissão de tres membros para ir á côrte apresentar ao Imperador as participações dos acontecimentos desde o dia 13 de Dezembro e pedir que sancionasse a eleição de Manoel de Carvalho. Enquanto não houvesse decisão da côrte revolvêo a camara não consentir que assumisse a presidencia o Morgado Paes Barreto « que tinha perdido a opinião publica, e contrahido o odio e execração geral da provincia, que de nenhum modo podia ser senão desgraçada com seu governo. (1).

Compoz-se a commissão do vigario João Evangelista Leal Periquito, representando o clero, Basilio Quaresma Torreão a milicia, e Joaquim Francisco Bastos Junior o civil. Chegou ao Rio de Janeiro no dia 2 de Maio a bordo do brigue americano *Frederico* e immediatamente foi recebida pelo Imperador. Em discurso pelos trez assignado relatou com o maior escrupulo todos os factos occorridos na provincia desde Dezembro do anno anterior, abundou em protestos de adhesão e de sympathia a pessoa de D. Pedro e terminou pedindo instantemente que em attenção aos serviços que prestára sempre Pernambuco á causa da Independencia fosse deferida a supplica de que erão portadores.

Desejoso de terminar a fraticida lucta tanto mais depressa quanto do outro lado do Atlantico começavão a acastellar-se nuvens percursoras de males ainda maiores, procurou o Imperador o meio de, sem quebra da propria autoridade, satisfazer o desejo da provincia. Exonerou a Paes Barreto, tornando sem effeito o decreto que o nomeara, em lugar porém de confirmar, a escolha de Manoel de Carvalho fel-o substituir por João Carlos Mayrink da Silva Ferrão que gosava de alguma sympathia e que se quizesse podia congrassar os dois partidos.

(1) Palavras textuaes da acta.

Infelizmente ou por estar convencido que não retrocederia mais Manoel de Carvalho da senda que trilhava, ou por temer comprometter-se, renunciou o nomeado o cargo que continuou a ser exercido por Carvalho até que novo acontecimento veio servir de pretexto para que rompesse abertamente a revolução, proclamando-se Pernambuco independente do governo do Rio.

Constando na capital do Imperio que uma poderosa esquadra partira de Portugal com destino ao Brazil trazendo tropa de desembarque, ordenara o Imperador, por portaria de 11 de Junho, que todos os vasos da armada se reunissem no Rio de Janeiro e declarára que, não podendo a força militar ser mandada para as provincias,urgia que cada lugar, villa ou cidade, se valesse dos recursos que tivesse.

Esse proceder, dictado sómente pela necessidade de proteger o Imperio contra qualquer aggressão, foi interpretado por Manoel de Carvalho pelo modo porque convinha a seus interesses pessoaes. Immediatamente depois que a força de Taylor suspendêo do Recife publicou um manifesto em que procurou motivar a politica seguida por D. Pedro pelo desejo de conduzir o Brazil de novo ao estado de colonia, e appellando para os brios da seis provincias do Norte, convidava-as para unirem-se, do mesmo modo porque o tinham feitos os estados americanos, em uma fórma de governo que denominou *Confederação do Equador*.

Do Ceará, da Parahyba e do Rio Grande do Norte, onde agitações idênticas as de Pernambuco estavam se dando desde a dissolução da constituinte, esperava prompta adhesão, que não se fez esperar, e convencido que podia levar a effeito os planos que alimentava começou a tomar todas as providencias necessarias para a lucta. Ajudado pelo commandante das armas formou diversos batalhões e armou dois navios, a escuna *Maria da Gloria* e o brigue *Constituição ou morte*. Entregou o commando do primeiro a

Joaquim da Silva Loureiro a quem deu por immediato João Guilherme Ratclif, e o do segundo a João Metrowich e os fez sahir para a Barra afim de auxiliar uma partida que por terra marchava a bater as forças legaes.

No desempenho dessa missão forão os dois vasos aprisionados pela corveta *Maria da Gloria*, do commando do capitão de fragata Theodóro de Beaurepaire, sem que tentassem resistir, e seus officiaes remettidos presos para a Côrte, onde immediatamente se lhes instaurou processo.

Dissipados, entretanto, os temores do governo relativos á annunciada expedição portugueza, foi mandado para as provincias do Norte, outra força maritima commandada pelo 1º almirante Lord Cochrane, já então Marquez do Maranhão.

Compunha-se da náu *Pedro 1*, commandada por Crosbie, charrúa *Carioca* ao mando do capitão de fragata Antonio Joaquim do Couto, brigue *Maranhão* ao mando do 1º tenente Jorge Manson e transportes *Harmonia* e *Caridade* de que erão commandantes os capitães de fragata graduados Antonio Gomes de Moura, e José Antonio dos Santos. Sahira do Rio de Janeiro no dia 2 de Agosto de 1824, conduzindo mil e duzentas praças do exercito ao mando do coronel Francisco de Lima e Silva, e aportára a Pernambuco a 14 do mesmo mez, depois de ter a 13 desembarcado a tropa no porto de Jareguá.

Como Taylor, não quiz o almirante Lord Cochrane empregar os meios energicos de que dispunha sem ter esgotado todas as tentativas para uma pacifica reconciliação dos dois partidos. Proclamou a 19 e a 23, convidando os rebeldes á obdiencia, procurou mesmo, por intermedio das autoridades consulares estrangeiras, entrar em negociação com Carvalho, mas perdida a esperanza de produzir effeito, nos parece deveria ter adoptado outras medidas que não o pequeno bombardeamento feito pela escuna *Leopoldina*, que á sua

força se havia encorporado, borbardeamento que se resumio em tres ou quatro tiros.

Tão sabiamente se comportou a principio, quanto depois esteve aquem do que era dado esperar de seus conhecimentos militares, chegando a ausentar-se exactamente quando sua cooperação era mais necessaria ao exército legal.

Aproximava-se, cada vez mais da capital a força de Lima e Silva, coadjuvada pela contra-revolução que se manifestara na Parahyba, tudo fazia esperar um proximo desenlace, quando, sob pretexto de um temporal, deixou a *Pedro I* o porto do Recife e se dirigio para a Bahia.

Não abandonarão todos os navios o bloqueio; a fragata *Paraguassú*, commandada pelo capitão de fragata Matheus Welsh e as corvetas *Maceió* e *Maria da Gloria*, do commando de José Pedro de Carvalho e Theodoro de Beaurepaire — navios todos esses que depois da chegada do almirante tinham aportado ao Recife — continuarão em frente da cidade mas não terão podido effectuar o desembarque que foi preciso, se não tivesse sido augmentada a tempo pela divisão commandada por David Juwet e composta das fragatas *Ipyranga* e *Nictheroy*, aquella sob o commando do mesmo chefe e esta sob o de James Norton, brigue *Cacique*, commandado pelo capitão-tenente Francisco Bibiano de Castro e sete barcos canhoneiras.

Sahira do Rio de Janeiro esta força a 21 de Agosto com destino ao Ceará, e fundeara no Recife, quando já acampado na villa do Cabo preparava-se Lima e Silva para atacar a capital.

Havia sabido o chefe do exercito legal que os rebeldes tinham tomado posição na ponte dos Carvalhos, e reunindo suas forças concebêra o plano de envolvê-los por meio de uma marcha circular.

Destacou para a frente uma partida de 400 homens com ordem de encommodar constantemente o inimigo e no

dia 11 de Setembro marchou para o Engenho de Sant'Anna, extremo da linha rebelde (1), que em poucos momentos foi tomado.

A este primeiro encontro, segue-se ao meio dia o combate dos Afogados. De novo são obrigados os rebeldes a abandonar o ponto, levados de vencida pelo denodo do exercito legal e no mesmo dia coberto com os louros de duas victorias, acampa Lima e Silva no Bairro de Santo Antonio.

No dia 13 intenta a força de Manoel de Carvalho entrar pela ponte da Boa Vista. Apresenta-se forte no numero, e efficazmente protegido pelo fogo que de todos os lados fazia convergir sobre a tropa de Lima e Silva.

Pela direita faz repetidas descargas um pontão, pela esquerda a bombardeião os fortes do Brum e do Buraco, pela frente a artilharia do Recife, pela retaguarda a ponte coberta de rebeldes, mas apesar de tudo o inimigo é vencido, e apresenta proposta de paz.

Os dias 14 e 15 passam em troca de officios, mas malogra-se a negociação e decide-se Lima e Silva a terminar a lucta no dia seguinte.

Colloca-se a divisão naval em linha, com regeiras passadas, ás 4 horas rompe o bombardeamento com a artilharia de BB, e á meia noute—ao signal de um foguete em terra,—desembarcão tresentos marinheiros no porto das Jangadas e, reunindo-se ao exercito, atacão o bairro do Recife que se entrega em 10 minutos.

Os fortes do Brum e do Buraco pouco mais do que isso resistem, Olinda se entrega ás 8 horas da manhã, e em tão pouco tempo nada mais restava da ephemera confederação do que fugitivos e dispersos.

(1) Parte official do coronel Francisco de Lima e Silva datada de 18 de Setembro de 1824.

Nenhum outro acontecimento notavel se tendo dado até que por intermedio do ministro inglez Carlos Stuart, foi a independencia do Brasil reconhecida por Portugal, damos por findo este trabalho.

Reunimos em um só volume o que encontrámos, relativo a armada, em diversas obras, algumas já raras, e em documentos que existem no Archivo Publico e no da secretaria da marinha. Acreditamos ter prestado um serviço á nossos collegas poupando-lhes tempo e despesa, e como não nos move nem o interesse pecuniario nem o desejo de gloria, ficamos contentes com a consciencia que nos assegura que fizemos o que estava ao alcance das proprias forças.

Aquelles que julgarem mau o que escrevemos só podemos responder.—*Façaõ melhor que com isso lucraremos todos.*

Rio—Dezembro—1880.



DOCUMENTOS

I

Parte official do capitão tenente commandante da charrua « Princesa Real ». Combate de 4 de Maio de 1823

Illm. e Ex. Snr.

Ainda que os acontecimentos do dia 4 de Maio, relativos ao encontro da esquadra do Rio, forão presenciados por V. Ex., porem como a principal força d'aquella esquadra pesou contra a charrúa de meu commando, e nesta contenda tão desigual occorrerão circumstancias que não devo calar, por isso passo a relatar á V. Ex. os successos d'aquelle dia, tão somente na parte que me disem respeito.

Achando-se a nossa esquadra formada em linha de batalha com a amura a EB, ocupando a charrúa de meu commando o lugar que lhe estava destinado na linha, que era na pôpa da fragata *Constituição*, estando em vista a barlavento á esquadra inimiga dirigindo-se a um largo para nossa linha, vindo na vanguarda a náu *Martim de Freitas* a que os rebeldes chamão agora « *D. Pedro 1º* » trazendo a insignia de almirante, que—segundo as noticias—é o celebre Cochrane, seguindo-se-lhe nas aguas a fragata *União* e assim successivamente os mais navios por ordem de sua respectiva força; e vendo eu que a náu, que era a testa da columna, estava já mais proxima, e continuava a arribar, sem duvida

com o intento de passar impunemente pela minha pôpa, então á vóz de « Viva a Constituição » mandei romper o fogo sobre ella que, vendo a minha resolução, orçou, e prolongando-se comigo, a menos de um tiro de pistola principiou um terrivel fogo de artilharia côm bala e metralha e de mosquetaria, a que respondi com muita vivacidade.

A náu inimiga, querendo depois desembaraçar-se de mim, seguiu avante, arribando ao mesmo tempo, para passar pela minha prôa, o que evitei quanto pôde, arribando com ella e com esta manobra consegui tambem pôr mais tempo fazer-lhe fogo com a bateria de EB, até que ella — em rasão de sua marcha — tendo ganho uma sufficiente distancia, para ganhar a minha prôa, arribou todo, mettendo depois de ló, no outro bordo. Immediatamente orcei para mais depressa lhe fazer fogo com a bateria de BB, a que me não respondeu, talvez por não ter ainda carregada a artilharia, tanto por isso, como pelas muitas vozes que se ouvião dentro, parece-me que á bordo reinava grande confusão. Querendo depois virar de bordo, para perseguil-o em sua vergonhosa retirada, não o pude fazer com a prestesa necessaria, por ter muitos cabos de laborar cortados, principalmente braços. Foi então que a *União* me fez muito fogo pela alhêta de EB cortando-me grande parte do apparelho de ré.

N'este conflicto, em que estive por espaço de dez minutos exposto a todo o fogo da náu inimiga e depois da fragata *União*, a perda de gente e estragos que soffreu esta charrúa são muito diminutos em proporção do que se devia esperar, combatendo á queima roupa e com forças tão superiores. Durante a acção houverão dois mortos e quinze feridos, dos quaes trez o forão gravemente e morrerão depois; alem de alguns contusos. Tive trez rombos no costado feitos por balas de 24 — um na coberta e dois no convéz — o mastro de mesena varado por uma bala de 24, logo

abaixo da enóra, o mastaréo do joanete de prôa partido, a ratranca partida em duas partes, o estae grande e o da mensena cortados, um fuzil da enxarcia grande partido, um ovem do traquete, outro de gavea e um brandal tão bem partidos, alem de outros cabos de laborar. As gaveas, traquete, bujarrona e vela ré todas passadas de metralha, e as tralhas cortadas em differentes partes, havendo em toda a mastreação metralha cravada, e no costado muitos signaes de balas que não pudérão penetrar.

A náu inimiga deve tambem ter soffrido proporcionalmente, porque todo o fogo que se lhe fez não poude deixar de empregar-se, e o mesmo se depreheende de sua desordenada fuga.

Tal foi o resultado da tão decantada esquadra em que o governo do Rio punha todas as suas esperanças, e o seu almirante, em que tanto confiavão os rebeldes, nem se quer se atrevêu a cortar a nossa linha onde estavão algumas fragatas; escolheu talvez a posição da charrúa contando com menos resistencia, porem achou-se enganado, e deve ficar convencido que os portuguezes são igualmente fortes em qualquer lugar que sejam atacados. Este ambicioso aventureiro, que foi sempre feliz quando defendeu a causa da liberdade dos povos, deve ter conhecido por este revéz que a fortuna o tem desamparado por elle seguir uma causa injusta, e que esta é visivelmente a epocha marcada pela Providencia para o completo triumpho da liberdade sobre o despotismo.

Não devo deixar em silencio o bravo comportamento de minha guarnição que, longe de perder o animo vendo que tinha de medir-se com forças tão desmarcadamente superiores, antes pelo contrario, cada um á porfia queria distinguir-se em acções de valor, e é para lamentar que uma tão brava guarnição não estivesse em navio de maior força, porque então a victoria seria completa. Todos os officiaes,

tanto de patente como inferiores, se houverão com muito valor e eu não posso destinguir alguém sem faltar com a justiça aos outros. Entre os officiaes inferiores devo mencionar comtudo, o sargento Luiz Antonio de Moura, que, estando de sentinella á bandeira e vendo a adriça cortada, elle mesmo subio, debaixo do mais vivo fogo, e foi pregal-a na verga de mesena. Nessa occasião de bordo da náu inimiga lhe disião com improperios que arreasse a bandeira : o comportamento desse bravo se faz digno de toda a consideração e particular elogio.

Nesse mesmo dia se tratou logo de reparar as avarias e no seguinte, pelas 11 horas da manhã, se achavão todas remediadas para continuar no cruseiro, como fiz saber a V. Ex. por meio de signaes, devendo agora que estamos fundeados serem reparados de modo mais permanente.

Todos os individuos da guarnição, torno a repetir, fazem-se dignos dos maiores elogios, tanto pelo seu comportamento durante o fogo, como pela actividade e bôa vontade com que trabalhavão em remediar os damnos recebidos, dando bem a conhecer o bom espirito de que estão animados, e rogo a V. Ex. que os seus relevantes serviços neste dia, em que tão briosamente defenderão a honra e direitos da nação, sejam levados ao conhecimento de S. Magestade para haver de os contemplar como aquelles que bem merecem da patria.

Illm. e Exm. Sr. Chefe de divisão João Felix Pereira de Campos.

FRANCISCO DE BORJA PEREIRA DE SÁ

Capitão-Tenente, Comman lante da
Charrúa *Princesa Real*.

II

Officio dirigido pela junta Provisoria do Pará ao Ministro da Guerra em 4 de Março de 1824.

(Parte relativa ao 2º Tenente Victor Santiago Subrá).

Illm. e Exm. Snr.

.....

Na villa de Cameté, uma das mais populosas desta provincia, se manifestou uma revolução pelo fins de Setembro, a qual depôz a camara e outras autoridades: mandámos tomar conhecimento judicial deste acontecimento, e depois enviámos uma força que julgámos conveniente para redusir aquelles povos a seus deveres: o commandante desta expedição abusou da confiança que delle fisemos e irritou os póvos, disparando indiscretamente tiros de bala e de metralha, sem ter havido resistencia, e teve a imprudencia de mandar atacar uma reunião de mais de quinhentos homens por um destacamento de vinte e dois, dos quaes no primeiro encontro lhe murrêrão sete, fugindo o resto. Este acontecimento o obrigou a reconcentrar suas forças ficando redusido á defensiva, porque os póvos espaventados se reunirão em numero consideravel; nesse estado, vendo-nos por um lado sem forças porque nenhuma esperanza tinhamos então na tropa de linhae a milicia d'aquelle districto tendo ordem de se reunir apresentou apenas um sargento e um soldado, e por outro lado querendo evitar a effusão de sangue brasileiro, recorrêmos aos meios de brandura e persuasão.

III

Proclamação da officialidade de Marinha em Montevidéo. (1).

Camaradas :

A facção, que nas côrtes de Lisbôa, abusando da confiança dos povos, tem aberrado do sistema a que se aspirava na regeneração politica; que illudindo as bases da Constituição, tem exposto a nação á total ruina, procurando levar de rojo ao precipicio o Grande Brasil, encontra dentro de Montevidéo satellites, que, affectando liberalismo, e usando da palavra fidelidade a imitação e procurão sustental-a com as bayonetas e da maneira a mais offensiva ao systema constitucional: as autoridades são insultadas; o nosso almirante se acha guardado à vista por despotica força armada; a causa sagrada do Brasil é o objecto de baldões!

Deliberemos!

A luz da verdade brilha nos fastos brasilienses; na balança da justiça pesa nosso dever a respeito de sua causa; a honra não mede outro meio de salvar ainda a nação: e sem ella, o que será da Egregia e Augusta Dynastia?

Quando uma grande familia se divide e separa, que melhora de rasão tem o primogenito para sua causa

(1) *Successos politicos do Brasil*. José da Silva Lisbôa. (depois Visconde de Cayrú).

ser preferida e seguida, maiormente se elle de bom grado parece soffrer cavillosos curadores? Tal paridade se pode suppôr entre Portugal e os Estados do Brasil.

Irmãos e portuguezes somos todos: portuguezes seremos! Na fundamental Ley Constitucional a soberania reside na nação, e esta não é outra cousa que a grande familia do Reino Unido. He pois seguro o caminho que se nos apresenta laureado pela honra e gloria do nome Portuguez, e murado pelos mesmos interesses do Reino Unido : perdido o Brasil no procelloso mar da anarchia que será de Portugal?

Afugentemos de nossos corações ideias falsas, cavilósas, e insidiosamente dimanadas da facção revolucionaria, que, tendo preso politicamente a S. Magestade Fidelissima o Bom Rei, o Senhor D. João VI, procura submergir os leaes portuguezes no perigoso e terrivel pelago da democracia, e escravisar o Brasil.

O Brasil magnanimo, fiel, generoso, penetrado destas verdades, se abraça com o Palladio que a Providencia lhe deparou na Augusta Pessoa do Herdeiro do Throno. Elle, com nobre entusiasmo, geral jubilo, e leal effusão de corações, acclama e jura seu Invicto Regente, Primeiro Imperador Constitucional do Brasil: com cordiaes votos unamos nosso juramento ao que prestou nossa corporação na nova Côrte Imperial: que elle se espenda á luz publica entre mil venturosos e gloriosos vivas á S. Magestade Imperial Primeiro Imperador do Brasil D. Pedro o Grande.

Viva!

IV

Parte official dada pelo Capitão de Mar e Guerra Graduado Pedro Antonio Nunes, relativa ao combate de 21 de Outubro de 1823. (1)

Illm. e Exm. Sr.

Tenho a honra de participar a V. Ex. que estando surto defronte de Montevidéo, no dia 21 de Outubro, ao nascer do sol, dei vista da esquadilha inimiga sahindo da barra, a qual se compunha dos navios *Conde de Arcos*, *General Lecor* o brigue *Sardo* « e escuna » *Maria Thereza*. Fiz logo signal ás embarcações de meu commando para levarem ancora, largando as ancoras sobre as boias, e naveguei em linha no bordo do mar, não só para ganhar barlavento ao inimigo, como tambem para o afastar do porto, e tendo conseguido um e outro fim virei logo sobre elle por contramarcha engajando o combate em bordos desencontrados. Tornei a virar, repetindo por duas veses a mesma manobra e fazendo sempre um vivo fogo, com o fito de lhe cortar a retirada, porém esta corveta desavorou do mastro da gata, que foi passado por uma bala, ficando empachados os braços de gavea. e tendo outras balas posto em máu estado o mastro da mesma, bem como os mastaréos dos joanetes grande e de prôa, o que me obrigou a demorar a barlavento afim de reparar o damno recebido, quanto fosse compativel com as circumstancias.

(1) Diario do Governo de 10 de Janeiro de 1824.

Pelas 4 horas da tarde virou o inimigo no bordo de terra com força de vela, e apesar de eu o seguir logo, comtudo, obstar não pude que elle chegasse ao porto, onde surgio ao pôr do sol.

Alem da avaria acima referida, tive muitos cabos cortados, como brandâes, ovens da enxarcia grande e da gata, cabos de laborar e o panno crivado de metralha.

A escuna *Seis de Fevereiro* recebeu um rombo ao lume d'agua, feito por uma bala de 18, que a pôz em estado de não poder entrar em combate. A *Leopoldina* teve tambem dois rombos no costado, e os mais navios não soffrerão avaria de consequencia, sem que de nossa parte houvesse algum morto ou ferido.

Pelo capitão General Barão da Laguna hei sabido que o inimigo teve 6 mortos, inclusive um official, um sargento de Brigada e um contra-mestre, e 18 feridos, havendo seus navios soffrido grandes avarias.

Tenho a maior satisfação em informar a V. Ex. que o entusiasmo e bravura que notei em todas guarnições dos navios que tenho a honra de commandar, excedeu sobre-maneira a minha spectativa ; quanto virei de bordo para atacar o inimigo, senti resoar de todas as embarcações, repetidos vivas ao Imperador, o que deu lugar a prometter-lhes, em nome do mesmo augusto senhor, um mez de soldo como gratificação se fisessem o seu dever. A sua briosa conducta neste dia correspondeu a seu entusiasmo, como V. Ex. bem poderá vêr com as partes officiaes dos commandantes, que nesta occasião tenho a honra de remetter por cópia.

He tambem de meu dever levar ao conhecimento de V. Ex. que os commandantes de todos os navios mostrarão muito valor e pericia, tanto na rapidez das manobras como na bôa direcção e actividade do fogo, tendo igual parte o commandante e officiaes desta corveta, assim como o capitão tenente José Pereira Pinto que se achava as minhas ordens para supprir a minha falta por ser o official mais antigo da Esquadra, o meu ajudante 2º tenente Joaquim Francisco Regis, o 1º tenente José Edgar, o tenente do exercito Ignacio José Penêdo, o voluntario do brigue *Guarany* Carlos Frederico Gele, o piloto e seis marinheiros francezes que tnhão vindo no escaler que trouxe o tenente com officios do capitão general.

E' quanto me cumpre expôr a V. Ex.

Deus Guarde a V. Ex.

Illm. Exm. Sr. Ministro da Marinha.

PEDRO ANTONIO NUNES
Capitão de Mar e Guerra Graduado.



15

Nico

08/04-555-51/0339

